

# Contextos perdidos, obscurantismos helénicos: espólio de um monumento megalítico de Alter do Chão pertencente à colecção de Manuel Heleno

---

\* UNIARQ – Centro de  
Arqueologia da Univer-  
sidade de Lisboa.  
folha-de-acacia@iol.pt

Marco António Andrade\*

*«Mesmo que não saibam onde estive, digam que estive  
lá. Para que a memória da minha passagem não fique  
para sempre trancada nos ataúdes do olvido...»*

Anónimo, *Luzes e Sombras na Terra dos Sítios*, século XXI

**Resumo** Aparentemente recolhido por Manuel Heleno em data incerta, encontra-se nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) um conjunto de artefactos arqueológicos que comporiam o mobiliário votivo de um monumento megalítico desconhecido (sendo designado genericamente como *Anta de Alter do Chão*). Sumariamente apresentado por O. da Veiga Ferreira, este espólio apresenta algumas características interessantes, apesar da indefinição de contexto, para a caracterização das práticas funerárias das comunidades megalíticas alto-alentejanas. Assim, contornando o obscurantismo científico que até alguns anos envolveu os trabalhos de Manuel Heleno, procura-se enquadrar o espólio estudado no contexto megalítico em que se encontra incluído.

**Abstract** Apparently collected by Manuel Heleno in uncertain date, one can find in the reserves of the Portuguese National Archaeological Museum (Lisbon) a collection of archaeological artifacts that would compose the votive set of an unknown megalithic monument (generically referred as *dolmen of Alter do Chão*). Summarily presented by O. da Veiga Ferreira, this collection presents some interesting features, despite the uncertainty of context, to characterize the funerary practices of the megalithic communities of North Alentejo. Thus, bypassing the scientific obscurantism that until a few years involved the works of Manuel Heleno, this paper seeks to fit the studied assets in the megalithic context in which they are included.

## 1. Introduzindo: as definições possíveis de contexto e os objectivos de análise

Recolhidos por amadores, supostos amigos do Passado e da História, ou resultado de achados fortuitos durante a faina dos campos, encontram-se nas reservas de praticamente todas as instituições museológicas nacionais conjuntos de artefactos simplesmente referenciados como

de «proveniência desconhecida»). Incluindo por vezes elementos notáveis, alguns essenciais ao trabalho do arqueólogo e ao próprio desenvolvimento da Ciência que pratica, a indefinição do contexto de proveniência inviabiliza qualquer análise rigorosa que se pretenda fazer, comprometendo assim qualquer conjectura explicativa formulada e todas as conclusões subsequentes.

Ao tratarem-se de museus locais, o contexto genérico de recolha poderá ser discernível (normalmente incluído nos limites municipais ou distritais), embora este seja, como se sabe, sempre insuficiente para uma análise criteriosa a nível de rigor científico e metodológico. Quando se trata de instituições de âmbito nacional, como o é o Museu Nacional de Arqueologia, com conjuntos referentes a toda a extensão do território, a tarefa de atribuir um contexto específico a conjuntos particulares revela-se problemática e, por vezes, impossível.

Referências vagas, notas soltas rabiscadas a lápis em pedaços de papel amarelento, são muitas vezes o único vislumbre que se tem de um contexto hoje perdido. Por vezes fruto do trabalho de investigadores institucionalmente creditados, tal ausência de rigor parece incompreensível à luz das metodologias aplicadas actualmente. Não que se critiquem as instituições que guardam tais espólios, nem mesmo os próprios investigadores que os recolheram, os quais, como muito bem nos ensinam as ciências históricas, se encontram incluídos num contexto sócio-cultural específico, sendo o seu trabalho moldado pela normas e metodologias vigentes na época. E deve o arqueólogo, enquanto historiador (que o é, embora muito boa gente por vezes se esqueça dessa simples circunstância), manter a sua imparcialidade e ser objectivo na análise crítica que elabora...

No entanto, certos conjuntos, apesar da falta de contexto, vêem o seu estudo legitimado pela qualidade dos seus componentes. Neste sentido, o estudo dos conjuntos «coleccionados» por Manuel Heleno (e em especial aqueles referentes a monumentos megalíticos) revela-se de extrema importância, tendo em conta a potencialidade dos dados e os resultados consequentes que poderão ser fornecidos à comunidade arqueológica.

Até há alguns anos envolto num lúgubre obscurantismo científico, este espólio (e todos os demais dados associados) tem vindo, com maior ou menor vigor, a ser desvelados. Com efeito, a recuperação dos cadernos de campo daquele investigador tem permitido responder a muitas das inúmeras questões que até há alguns anos pairavam sobre as suas intervenções e os artefactos nelas recolhidos. A atribuição de proveniências por vezes exactas, com definição de contextos precisos e relações estratigráficas ou artefactuais, permitiu um avanço significativo a nível científico, nomeadamente no que se refere ao estudo

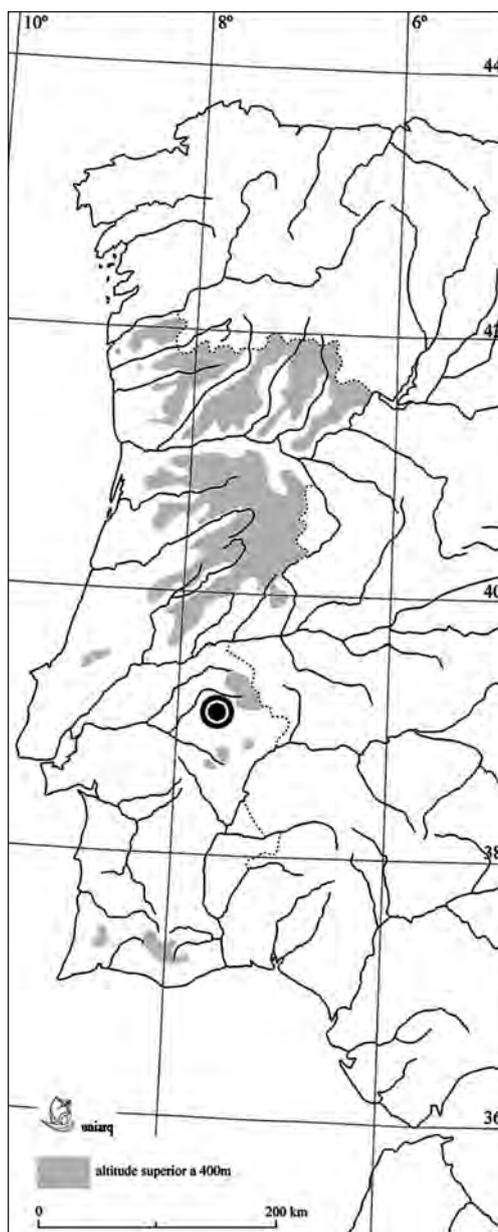


Fig. 1 – A área de Alter do Chão no contexto geográfico do Extremo Ocidente peninsular.

do Megalitismo alentejano. Contam-se, neste campo, os trabalhos de L. Rocha (2005), com a realocação dos monumentos intervençionados por Manuel Heleno e a compilação e filtragem dos dados contidos nos seus cadernos de campo (para além da realização de algumas muito úteis datações absolutas e estudos antropológicos). Espera-se agora um estudo criterioso e consequente publicação dos espólios exumados que merecem a indispensável divulgação científica (já iniciado a nível das placas de xisto gravadas no âmbito do projecto PLACA NOSTRA, da responsabilidade científica de V. S. Gonçalves).

Contudo, e como refere o conhecido adágio popular, *não há bela sem senão...* Vítima de uma lamentável ausência de registo, encontra-se nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia um interessante conjunto de artefactos designado genericamente como sendo proveniente de um monumento megalítico de Alter do Chão. Fazendo parte da colecção de Manuel Heleno, parte-se do princípio que terá sido recolhido por aquele investigador. No entanto, a leitura dos seus cadernos de campo, realizada por L. Rocha, não refere qualquer intervenção na área em causa, pelo que a sua proveniência exacta continua envolta em mistério...

São, todavia, conhecidos trabalhos de Manuel Heleno nesta área regional, nomeadamente nos concelhos de Fronteira (antas da Herdade Grande, necrópole romana de Pessilgais), Monforte (Torre de Palma, Cabeça de Vaiamonte) e Crato (*villa* romana da Granja). No entanto, nas publicações referentes a esses trabalhos (assim como nos seus *Cadernos de Campo*), não são referidos quaisquer elementos que possam definir a proveniência exacta deste espólio. Apenas na publicação referente à *villa* romana da Granja, onde conduziu trabalhos em 1936, existe a informação da existência de algumas antas nas envolventes do sítio romano (cf. Heleno, 1953), nomeadamente Porto dos Carros (Couto de Andreiros 1), Courela da Anta (Couto de Andreiros 2), Tapada de Canchos, Coutada de Barros (São Lourenço 1) e Herdade da Costa (Decosta), mencionando apenas que obteve informação sobre a sua existência (não refere, contudo, a anta da Ermida da Granja, localizada naquela herdade por G. e V. Leisner). Contudo, nenhum destes monumentos se localiza actualmente no espaço do concelho de Alter do Chão, sendo relativa a proximidade de São Lourenço 1, localizado no Crato mas próximo à extrema de ambos concelhos (tendo mesmo G. e V. Leisner localizado este monumento no espaço abelteriense), estando já os monumentos de São Lourenço 2 e 3 implantados em área administrativa de Alter do Chão (Parreira, 1996).

Na base de dados *Endovélico*, da responsabilidade do IGESPAR/IP, encontra-se uma entrada para este misterioso monumento (CNS 4727). Contudo, as coordenadas apresentadas não coincidem com a localização de nenhum monumento conhecido, correspondendo a uma pequena propriedade agrícola no limite sul do espaço urbano de Alter do Chão, junto à estrada para Alter Pedroso, encontrando-se o monumento mais próximo, a Anta da Tapada do José Cary (Tapa-

dões), a cerca de 2 km para leste desta localização. Parece, assim, que é referenciado na base de dados *Endovélico* apenas o espólio e não o monumento em si, tendo sido registadas genericamente as coordenadas da vila de Alter do Chão. A área indicada foi, contudo, objecto de prospecção sistemática, não tendo sido identificado qualquer monumento neste espaço.

À guisa de curiosidade, será de referir que se encontram evidências de escavações antigas na Anta de Almanhães 5 (a cerca de 6 km a sueste de Alter do Chão); com efeito, a Câmara encontra-se esvaziada (notando-se nos esteios uma pátina de terra com cerca de 1 m), estando depositado no lado sul do monumento um amontoado de sedimentos com abundantes pequenos fragmentos cerâmicos.

Por outro lado, os materiais poderão ter sido doados ou adquiridos pelo Museu Nacional de Arqueologia ao tempo de Manuel Heleno, não sendo resultado de uma intervenção arqueológica efectiva, o que a ausência de certos componentes de menor dimensão e que não destoariam no conjunto estudado (como pontas de seta e contas de colar) parece comprovar.

Diga-se ainda, a título de simples curiosidade (ou não), que a Anta de São Lourenço 1 (também designada como Coutada de Barros ou Arneirão), foi inicialmente denominada por G. e V. Leisner, apesar de se situar no Crato, como *Anta de Alter do Chão* (DGPC, Arquivo Leisner, legenda no verso da foto referente a este monumento), sendo posteriormente referenciada como São Lourenço 1, indicando o espólio desta anta, recolhido por J. L. Vasconcellos e presente no MNA, como proveniente da Anta do Dr. Homem Arneirão (Leisner & Leisner, 1959).

Sumariamente descrito por O. da Veiga Ferreira (1970), foi-me permitido estudar este espólio no âmbito da Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada em 2009 à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Apesar de a área em estudo abarcar parte do concelho de Alter do Chão, não se incluiu a sua análise naquele trabalho, dado que a indefinição de proveniência não permitia supor que se referiria a algum dos monumentos analisados naquele trabalho ou a outro localizado fora do âmbito geográfico do mesmo. Relegou-se, assim, para outro local o seu estudo, sendo aqui apresentados os resultados.

Agradece-se, neste sentido, ao Dr. Luís Raposo pela autorização de análise deste espólio, assim como a Luísa Guerreiro e Luís Antunes pelo apoio pres-

tado no estudo deste mesmo espólio (e sua célebre localização, em período de *crack* do sistema informático do Museu Nacional de Arqueologia).

## 2. Espólio arqueológico: descrição e considerações gerais

Na listagem sumária apresentada por O. da Veiga Ferreira, é referido um conjunto composto por restos de 12 recipientes lisos, um recipiente decorado, um machado de anfibolito, nove fragmentos de placas de xisto gravadas e uma placa de grés (Ferreira, 1970, pp. 172–173), descrevendo somente uma das placas de xisto gravadas registadas (2003.73.13) e o recipiente decorado (2003.73.16). Após colagem e análise mais precisa, o conjunto inclui oito recipientes lisos (contando-se mais dois fragmentos incaracterísticos de outros recipientes), dois recipientes decorados, um machado de anfibolito, seis placas de xisto gravadas e uma placa de grés.

Encontra-se actualmente nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia, com as seguintes referências de inventário: 5678 (número antigo) e 2003.73 (número novo).

### 2.1. Recipientes cerâmicos

Os recipientes cerâmicos estudados encontram-se representados por três tipologias genéricas: esféricos simples, esféricos de colo estrangulado e vasos carenados de *tipo Crato/Nisa*, estes últimos visivelmente maioritários dentro do conjunto. Neste contexto e previamente à apresentação do espólio cerâmico estudado, convém definir o que se designa por vaso carenado de *tipo Crato/Nisa*. Conceito primeiramente utilizado por V. S. Gonçalves e colaboradores a respeito dos pequenos vasos carenados da anta de Penedos de São Miguel (Gonçalves & *alii*, 1981), o recipiente assim designado refere-se a um pequeno vaso carenado, de carena mais ou menos marcada, cujo diâmetro raramente excede os 12 cm, tendo sido assim designados devido à sua relativa frequência nos contextos funerários dos grupos megalíticos alto-alentejanos, entre *Crato* e *Nisa* (sendo menos frequentes, embora presentes, nos grupos da linha Montemor-Évora-Reguengos ou noutros grupos do Sudoeste peninsular). Dadas as suas características morfológicas específicas, podem ser genericamente divididos em

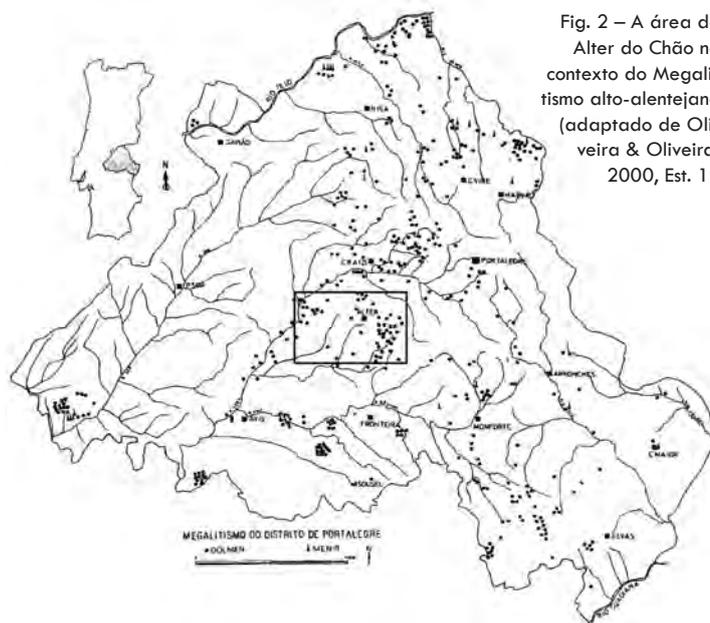


Fig. 2 – A área de Alter do Chão no contexto do Megalitismo alto-alentejano (adaptado de Oliveira & Oliveira, 2000, Est. 1).



três variantes (independentemente de se tratarem de formas abertas ou fechadas):

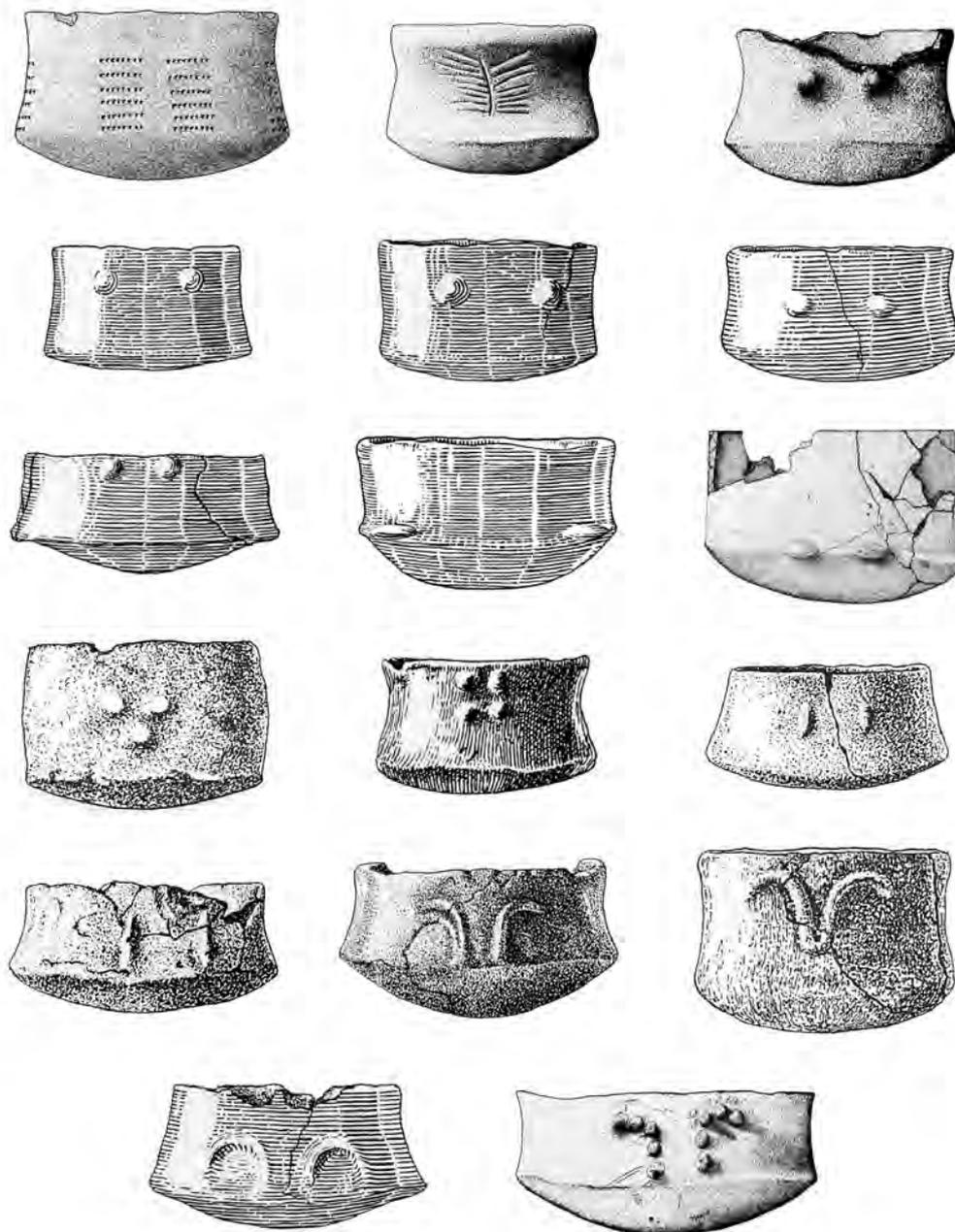
Variante 1 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo cilíndrico (paredes rectas verticais); Variante 2 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo troncocónico (paredes rectas envasadas); Variante 3 – vaso de fundo convexo ou plano-convexo e corpo hiperbolóide (paredes exvasadas).

A nível decorativo, registam-se exemplares com decoração incisa, decoração impressa (em matriz denteada) e decoração plástica. Nesta última técnica, encontram-se exemplares com:

- 1 – pares de mamilos aplicados sobre o colo ou sobre a carena;
- 2 – conjuntos de três ou mais mamilos aplicados sobre o colo, formando composições geométricas;
- 3 – cordões rectilíneos verticais aplicados sobre o colo;
- 4 – cordões curvilíneos aplicados sobre o colo, configurando a representação de arcadas supraciliares (embora algumas composições se assemelhem à representação de enxós ou báculos opósitos);
- 5 – fiadas curvilíneas de mamilos aplicados sobre o colo, configurando a representação de arcadas supraciliares (embora algumas compo-

Fig. 3 – Variantes morfo-tipológicas genéricas registadas nas formas de *tipo Crato/Nisa*.

Fig. 4 – Motivos decorativos genéricos registados nas formas de tipo Crato/Nisa.  
 1: Anta de Alter do Chão;  
 2, 3, 9 e 17: Anta da Horta, Alter do Chão (Oliveira, 2006, pp. 139, 122, 129, 128); 4, 5 e 16: Casa Branca 3, Mora (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 20);  
 6: Alcogulo 2, Castelo de Vide (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 3);  
 7: Cabeço do Considereiro, Mora (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 20);  
 8: Arneirão, Crato (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 6); 10, 12 e 13: Anta Grande da Ordem, Avis (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 14);  
 11: Monforte ou Elvas (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 8); 14: Caeira 7, Arraiolos (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 30);  
 15: Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo (Leisner & Leisner, 1959, Taf. 26).



sições se assemelhem à representação de enxós ou báculos opósitos).

Morfologicamente, poderão ser confundíveis com exemplares mais tardios, nomeadamente, as características taças de tipo Atalaia de inícios da Idade do Bronze. Trata-se, no entanto, de um elemento específico dos mobiliários votivos do Megalitismo alto-alentejano (sendo mais escasas ou mesmo inexistentes em áreas do Alentejo central e Baixo Alentejo) nos últimos séculos do IV milénio e primeiros do III milénio a.n.e., surgindo

associados a placas de xisto gravadas e pontas de seta de retoque bifacial cobridor.

Na coleção em estudo encontram-se representadas as três variantes morfológicas definidas, encontrando-se apenas representado um dos modelos decorativos identificados.

No conjunto dos recipientes cerâmicos estudados registam-se dois exemplares de formas abertas para oito exemplares de formas fechadas. Nas formas abertas, registam-se os recipientes MNA 5678-2/25 e MNA 5678-6/14-15. Dentro das formas fechadas, registam-se os recipientes

Ref.	Forma	Tipo	Estado	DIA	DEA	DBJ	Alt.	IA	IP	Esp. Brd.	Esp. Bj.
2003.73.16	F	Vaso carenado	Inteiro	9,4	10,2	11,2	6,8	91,07	66,67	0,4	1,2
5678-2 (24)	F	Esférico simples	F. reconstituível	6	6,8	8	5,4	85	79,41	0,4	0,6
5678-2 (25)	A	Vaso carenado	Inteiro	7,6	8,4	8,2	4,4	102,44	52,38	0,4	1
5678-6 (10)	F	Vaso carenado	Bojo/Carena	?	?	0,9	?	?	?	?	?
5678-6 (11-13)	F	Esf. colo est.	F. reconstituível	7,4	8,2	8,8	6,7	93,18	81,71	0,3	0,6
5678-6 (14-15)	A	Vaso carenado	F. reconstituível	7,4	8	7,8	4,8	102,56	60	0,4	0,7
5678-6 (16)	F	Vaso carenado	F. reconstituível	7,6	8,1	10	4,6	81	56,79	0,3	0,8
5678-6 (17)	F	Vaso carenado	Bojo/Carena	?	?	10,4	?	?	?	?	0,7
5678-6 (18)	F	Indeterminado	Bordo	7	8	?	?	?	?	0,4	?
5678-6 (19)	F	Vaso carenado	Bojo + Fundo	?	?	7,6	?	?	?	?	?

Ref.	Tipo Bordo	Perfil Bordo	Dir. Bordo	Pasta	Cozedura	Arrefec.	ENP n°	ENP dim.	Trat. Sup.
2003.73.16	Não esp.	Biselado	Exvertido	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos	Alisada
5678-2 (24)	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutor	Oxidante	Escassos	Finos	Polida
5678-2 (25)	Não esp.	Arredondado	Recto	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos	Alisada
5678-6 (10)	?	?	?	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos-Médios	Polida
5678-6 (11-13)	Não esp.	Plano	Recto	Compacta	Redutor	Oxidante	Abundantes	Finos	Alisada
5678-6 (14-15)	Não esp.	Biselado	Recto	Compacta	Redutor	Redutor	Escassos	Finos	Alisada
5678-6 (16)	Não esp.	Arredondado	Exvertido	Compacta	Redutor	Oxidante	Abundantes	Finos-Médios	Alisada
5678-6 (17)	?	?	?	Compacta	Redutor	Oxidante	Escassos	Finos	Polida
5678-6 (18)	Não esp.	Biselado	Recto	Compacta	Redutor	Redutor	Escassos	Finos-Médios	Alisada
5678-6 (19)	?	?	?	Compacta	Redutor	Redutor	Abundantes	Finos-Médios	Alisada

tes MNA 2003-73-16, MNA 5678-2/24, MNA 5678-6/10, MNA 5678-6/11-13, MNA 5678-6/16, MNA 5678-6/17, MNA 5678-6/18 e MNA 5678-6/19.

#### MNA 5678-2/25

Refere-se a um vaso de *tipo Crato/Nisa*, correspondendo a um exemplar da Variante 3, apresentando 8,4 cm de diâmetro externo, 7,6 cm de diâmetro interno e 8,2 cm de diâmetro da carena. Regista 4,4 cm de altura e 3,7 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo, 1,2 cm de espessura da carena e 0,6 cm de espessura do fundo. Apresenta cozedura redutora, pasta compacta com escassos elementos não plásticos de fino calibre, sendo as suas superfícies alisadas.

#### MNA 5678-6/14-15

Refere-se igualmente a um vaso de *tipo Crato/Nisa*, correspondendo a um exemplar da Variante 1, apresentando 8 cm de diâmetro externo, 7,4 cm de diâmetro interno e 7,8 cm de diâmetro da carena. Regista 4,8 cm de altura e 4,3 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,5 cm de espessura do bojo, 1 cm de espessura da carena e 0,5 cm de espessura

do fundo. Apresenta cozedura redutora, pasta compacta com escassos elementos não plásticos de fino calibre, sendo as suas superfícies alisadas.

#### MNA 2003.73.16

Refere-se a um vaso de *tipo Crato/Nisa* com decoração impressa. Corresponde a um exemplar da Variante 3, apresentando 10 cm de diâmetro externo, 9,4 cm de diâmetro interno e 11 cm de diâmetro da carena. Regista 6,8 cm de altura e 5,8 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,9 cm de espessura do bojo, 1,6 cm de espessura da carena e 1,1 cm de espessura do fundo. Apresenta cozedura redutora, com pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de fino calibre, sendo as suas superfícies alisadas. A decoração é composta por quatro conjuntos de pares de colunas com seis fiadas horizontais de impressões (sendo que em duas colunas de dois conjuntos se registam sete fiadas de impressões). Estes conjuntos apresentam dimensões médias de 3,2 cm de altura e 4,6 cm de largura; as colunas apresentam dimensões médias de 3,2 cm de altura e 2 cm de largura. As impressões foram realizadas com matriz dentada de oito dentes, registando-se possíveis vestígios de preenchimento a pasta branca.

Quadro 1 – Recipientes cerâmicos: principais medidas de referência.

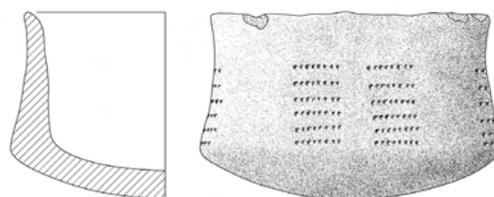
DIA: Diâmetro Interno de Abertura, em cm; DEA: Diâmetro Externo de Abertura, em cm; DBJ: Diâmetro Bojo, em cm; Alt.: Altura Total, em cm; IA: Índice de Abertura (DEA x 100 / DBJ); IP: Índice de Profundidade (Alt. x 100 / DEA); Esp. Brd.: Espessura do Bordo, em cm; Esp. Bj.: Espessura do Bojo, em cm.

Quadro 2 – Recipientes cerâmicos: morfologia do bordo, pastas e acabamentos.

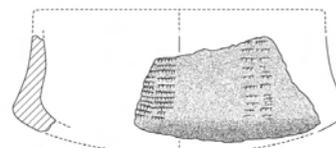
Fig. 6 – Recipientes cerâmicos decorados MNA 2003.73.16 e 5679-6 (10).

**MNA 5678-2/24**

Corresponde a um pequeno esférico simples, apresentando 6,8 cm de diâmetro externo, 6 cm de diâmetro interno e 8 cm de diâmetro do bojo. Regista 5,4 cm de altura e 4,8 cm de profundidade, tendo 0,4 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo e 0,6 cm de espessura do fundo. Apresenta cozedura com arrefecimento oxidante, pasta compacta com escassos elementos não plásticos de fino calibre, sendo a superfície interna alisada e a superfície externa polida.



MNA 2003.73.16



MNA 5678-6(10)

Fig. 5 – Recipientes cerâmicos MNA 5679-6 (18), 5679-2 (24), 5679-6 (11-13), 5679-6 (14-15), 5679-6 (16), 5679-6 (19), 5679-6 (17) e 5679-2 (25).

**MNA 5678-6/10**

Refere-se a um vaso de *tipo Crato/Nisa*, correspondendo a um exemplar da Variante 3. Apresenta 11,8 cm de diâmetro da carena, sendo os diâmetros externo e interno impossíveis de definir dado o exemplar não conservar bordo. Apresenta cozedura redutora, pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de fino a médio calibre, sendo a superfície interna alisada e a superfície externa polida. A decoração deste recipiente é composta por conjuntos de pares de colunas de impressões realizadas com matriz

denteada, divergindo o denteado daquele presente no recipiente MNA 2003.73.16.

**MNA 5678-6/11-13**

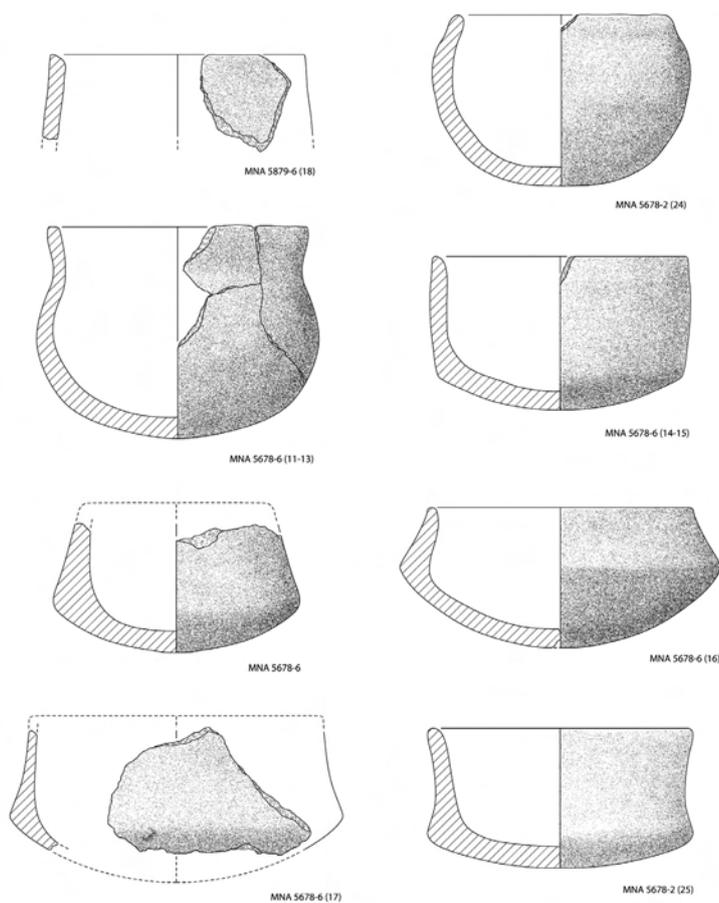
Corresponde a um esférico de colo estrangulado. Apresenta 8,2 cm de diâmetro externo, 7,4 cm de diâmetro interno e 8,8 cm de diâmetro do bojo. Regista 6,7 cm de altura e 6 cm de profundidade, tendo 0,3 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo e 0,7 cm de espessura do fundo. Apresenta cozedura redutora com arrefecimento oxidante, pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de fino calibre, sendo as suas superfícies alisadas.

**MNA 5678-6/16**

Refere-se a um vaso de *tipo Crato/Nisa*. Corresponde a um exemplar da Variante 2, apresentando 8,1 cm de diâmetro externo, 7,6 cm de diâmetro interno e 10 cm de diâmetro da carena. Regista 4,6 cm de altura e 4 cm de profundidade, tendo 0,3 cm de largura do lábio, 0,6 cm de espessura do bojo, 0,8 cm de espessura da carena e 0,6 cm de espessura do fundo. Apresenta cozedura redutora com arrefecimento oxidante, com pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de fino a médio calibre, sendo as suas superfícies alisadas.

**MNA 5678-6/17**

Refere-se a um vaso de *tipo Crato/Nisa*, correspondendo a um exemplar da Variante 3. Apresenta 10,4 cm de diâmetro da carena, sendo os diâmetros externo e interno impossíveis de definir dado o exemplar não conservar bordo. Apresenta cozedura redutora com arrefecimento oxidante, pasta compacta com abundantes elementos não



plásticos de fino a médio calibre, sendo a superfície interna alisada e a superfície externa polida.

**MNA 5678-6/18**

Refere-se a um recipiente fechado de tipologia desconhecida, apresentando 8 cm de diâmetro externo e 7 cm de diâmetro interno. Apresenta cozedura redutora, pasta compacta com escassos elementos não plásticos de fino a médio calibre, sendo as suas superfícies alisadas.

**MNA 5678-6/19**

Refere-se a um vaso de *tipo Crato/Nisa*, correspondendo a um exemplar da Variante 2. Apresenta 7,6 cm de diâmetro da carena, sendo os diâmetros externo e interno impossíveis de definir dado o exemplar não conservar bordo. Apresenta cozedura redutora, pasta compacta com abundantes elementos não plásticos de fino a médio calibre, sendo as suas superfícies alisadas.

Como se denota, trata-se de recipientes de pequena dimensão, não propriamente contentores, mas artefactos com uma manifesta utilidade votiva. A larga maioria de vasos de *tipo Crato/Nisa* (presentes em todas as variantes definidas) não será de



Fig. 7 – Recipientes cerâmicos MNA 5678-2 (24), 5678-6 (11-13), 5678-6 (14-15) e 5678-6 (16).



Fig. 8 – Recipientes cerâmicos MNA 5678-2 (25), 5678-6 (19), 5678-6 (18), 5678-6 (17) e 5678-6 (10).

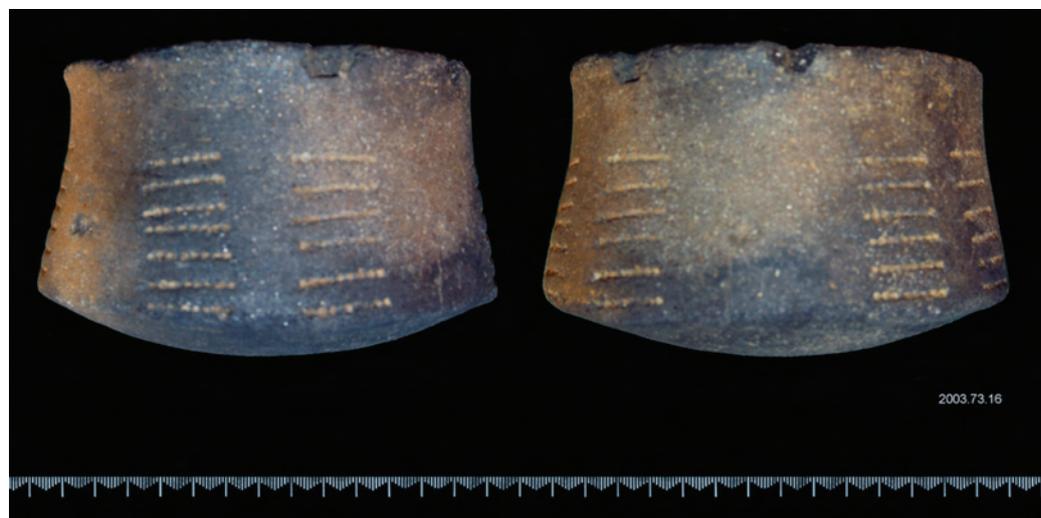
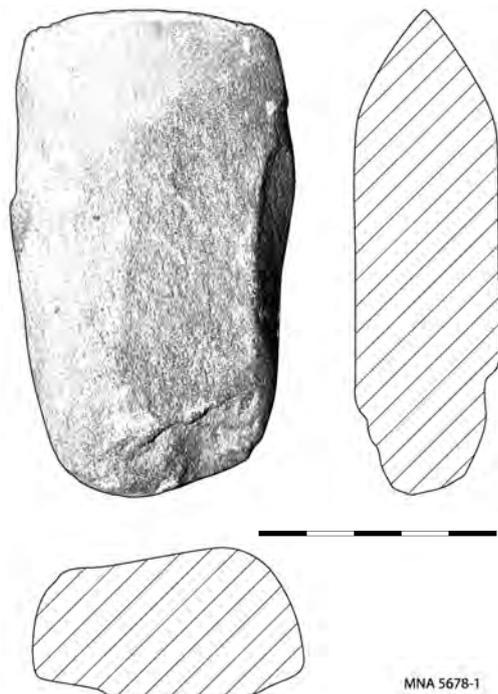


Fig. 9 – Recipiente cerâmico decorado MNA 2003.73.16.

Figs. 10 e 11 – Machado de pedra polida MNA 5678-1.



estranhar dentro do contexto regional em que o conjunto se insere, sendo recipientes «típicos» dos mobiliários votivos das comunidades megalíticas alto-alentejanas.

Fig. 12 – Placa de xisto gravada MNA 2003.73.8.

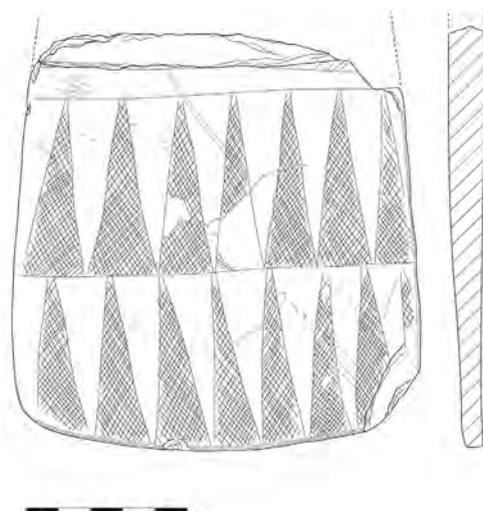
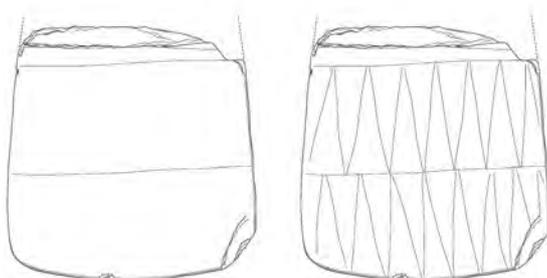


Fig. 13 – Paginação estruturante da decoração da placa de xisto gravada MNA.2003.73.8.



## 2.2. Artefactos de pedra polida

No conjunto do espólio analisado está referenciado apenas um único elemento de pedra polida (MNA 5678-1). Trata-se de um machado de anfíbolito, de secção sub-retangular, de contorno rectangular, perfil aplanado e gume convexo. Apresenta 10,4 cm de comprimento, para uma largura média de 5,8 cm e uma espessura média 3,2 cm. O polimento atesta-se principalmente na área operante, sendo o corpo sumariamente afeiçãoado (conservando ainda os negativos da lascagem de conformação do bloco).

A presença de um único artefacto deste tipo não será de estranhar dentro do conjunto crono-cultural em que o espólio estudado se insere, onde são claramente maioritárias as placas de xisto gravadas em oposição aos artefactos de pedra polida. Noutro sentido, a rectangularidade da secção desta peça, sendo característica tradicionalmente distintiva de exemplares atribuíveis a uma etapa referente ao Neolítico Final/Calcolítico, opõe-a aos exemplares de secção circular/ovalada de períodos antecedentes, confirmando a homogeneidade cronológica do conjunto.

Ref.	MP	Forma	Motivo dominante do Corpo	Composição da Cabeça	Perfs.
2003.73.8	Xisto	?	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	?	?
2003.73.9	Xisto	Trapezoidal	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	Faixas oblíquas preenchidas	BTC
2003.73.10	Xisto	Rectangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	V central ladeado por faixas horizontais preenchidas	BTC
2003.73.12	Xisto	Trapezoidal	?	?	C
2003.73.13	Xisto	Rectangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	V central ladeado por faixas horizontais preenchidas e banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima	BTC
2003.73.14	Xisto	Trapezoidal	Campo de xadrez	Faixas oblíquas preenchidas	BTC

Quadro 3 – Placas de xisto gravadas: características gerais e motivos dominantes.

Ref.	Estado	Nº Perfs.	Alt.	AltCb	AltSp	AltCp	LB	LT	IA	DPF	DPV	Esp.
2003.73.8	Prox.	?	?	?	0,8	11,2	>12	?	?	?	?	1,1
2003.73.9	FR	1	19,1	4,6	/	14,5	?	8	2,29	1	0,7	0,8
2003.73.10	FR	1	14,5	4,7	/	9,8	?	?	1,16	0,8	0,5	0,7
2003.73.12	*	1	>12,1	?	?	?	8	5	0,94	?	0,4	?
2003.73.13	Int.	1	11,3	2,7	/	8,6	8,5	8,2	0,97	0,9	0,7	0,7
2003.73.14	FR	1	16,3	6	/	10,3	?	5,4	1,56	0,6	0,5	1

Quadro 4 – Placas de xisto gravadas: principais medidas de referência. Alt.: Altura medida num ponto central, em cm; AltCb: Altura da Cabeça, em cm; AltSp: Altura do Separador Cabeça/Corpo, em cm; AltCp: Altura do Corpo, em cm; LB: Largura da Base, em cm; LT: Largura do Topo; IA: Índice de Alongamento (Comprimento/Largura da base): alongado (>2), médio (2-1), curto (<1); DPF: Diâmetro da Perfuração da Face; DPV: Diâmetro da Perfuração no Verso; Esp.: Espessura média.

### 2.3. Placas de xisto gravadas

Estes artefactos encontram-se referenciados em seis elementos, qualquer um deles usando xisto ardósiano como suporte. Refira-se a uniformidade do conjunto a nível de motivo decorativo principal (bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima), registando-se num único caso motivo distinto (campo de xadrez).

#### MNA 2003.73.8

Refere-se a um exemplar fracturado, conservando as áreas proximal e mesial — apresenta cerca de 12,5 cm de largura da base e cerca de 1,1 cm de espessura média. A decoração do Corpo (com cerca de 11,2 cm de altura) compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (duas bandas com uma altura média de 5,6 cm, sendo a primeira composta por sete triângulos e a segunda composta por oito triângulos). O Separador Cabeça/Corpo (com cerca de 0,8 cm largura) compõe-se por uma faixa lisa, sendo impossível, dado o estado de conservação do exemplar, definir a composição da Cabeça. No entanto, dado a dimensão do Corpo propriamente dito em relação à largura da placa, poder-se-á supor que se trata de uma placa com um alto Índice de Alongamento da Cabeça, semelhante a alguns exemplares de Olival da Pega 1, por exemplo.

#### MNA 2003.73.9

Apresenta recorte sub-trapezoidal, com uma altura média de 19,1 cm, para uma largura de 12 cm prováveis na base e 8 cm no topo, estando fragmentada longitudinalmente nas áreas proximal e mesial (correspondente ao Corpo). A Cabeça apresenta uma altura de 4,7 cm, sendo a sua decoração formada por faixas oblíquas-verticais preenchidas (duas do lado esquerdo e três no lado direito, compondo as faixas interiores a «Cabeça dentro da Cabeça») convergindo dos bordos da placa para o separador Cabeça/Corpo (composto por um traço simples). O motivo dominante do Corpo (apresentando este cerca de 14,4 cm de altura) é as bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (oito bandas). Dado a fragmentação do bordo direito da placa, é impossível determinar com rigor o número total de triângulos gravados em cada banda, estando conservadas na sua totalidade apenas as duas do topo (com oito e sete triângulos, estando truncados aqueles junto ao bordo esquerdo). A espessura média desta placa é de cerca de 0,7 cm, apresentando perfuração bi-troncocónica com 1 cm de diâmetro na face e 0,6 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa alongada, oferecendo um índice de 2,29.

#### MNA 2003.73.10

Apresenta recorte sub-rectangular, com uma

Fig. 15 – Pagina-  
ção estruturante da  
decoreção da placa  
de xisto gravada  
MNA.2003.73.9.

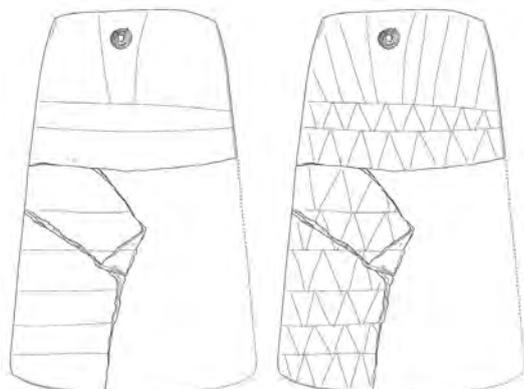
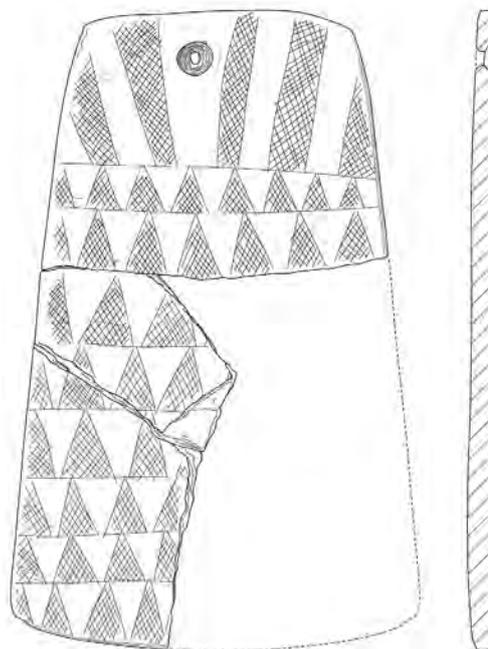


Fig. 14 – Placa de  
xisto gravada MNA  
2003.73.9.



MNA 2003.73.9

Fig. 14

Fig. 17 – Pagina-  
ção estruturante da  
decoreção da placa  
de xisto gravada  
MNA.2003.73.10.

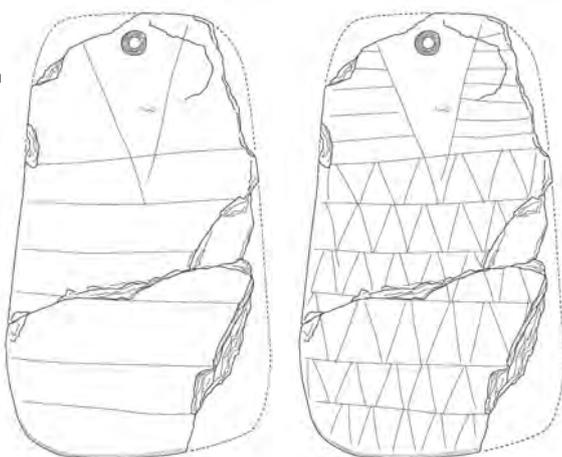


Fig. 18 – As placas  
de xisto gravadas  
MNA 2003.73.9  
e 2003.73.10.

Fig. 16 – Placa de  
xisto gravada MNA  
2003.73.10.

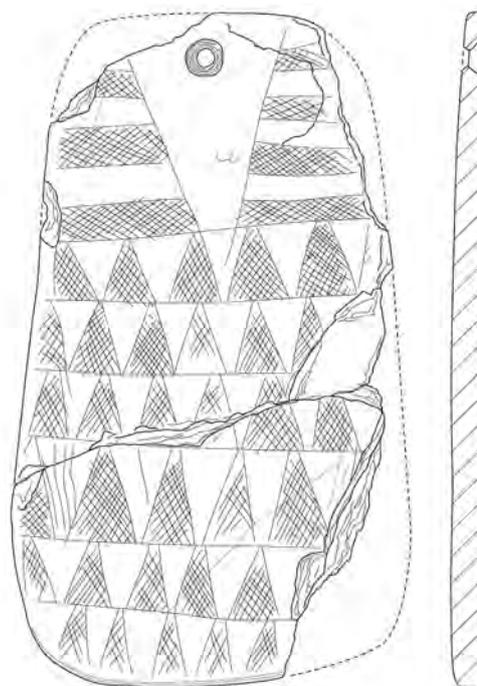


Fig. 16



2003.73.9

2003.73.10



Fig. 19 – Placa de xisto MNA 2003.73.12.

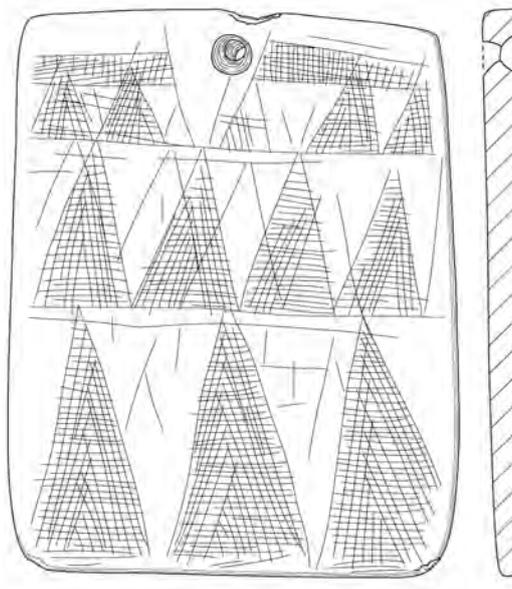


Fig. 20 – Placa de xisto gravada MNA 2003.73.13.

altura média de 14,5 cm para uma largura provável de 8 cm na base e 6 cm no topo, encontrando-se fracturada ao longo do bordo direito e no canto superior esquerdo. A Cabeça, com cerca de 4,7 cm, apresenta uma decoração composta por faixas oblíquas-horizontais preenchidas convergindo dos bordos da placa para o V central (a «Cabeça dentro da Cabeça»). A decoração do Corpo (que apresenta 9,8 cm de altura) compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (seis bandas). A espessura média desta placa é de cerca de 0,7 cm, apresentando perfuração troncocónica (realizada da face para o verso) com 0,8 cm de diâmetro na face e 0,4 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média, oferecendo um índice de 1,16.

#### MNA 2003.73.12

Refere-se a uma lasca integral do verso de uma placa de xisto. Apresenta recorte subtrapezoidal, com uma altura média de 12 cm para uma largura de 7,8 cm na base e 5 cm no topo. A decoração da face é impossível de determinar. Apresenta gravado no verso, entre um conjunto de traços simples, algarismos compoendo «1230», tratando-se, à primeira vista, de uma gravação realizada posteriormente à recolha do artefacto, visto não apresentar a patine de sedimento presente nos restantes traços. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa curta, oferecendo um índice de 0,94.



Fig. 21 – Paginação estruturante da decoração da placa de xisto gravada MNA.2003.73.13, decoração original e decoração posterior.

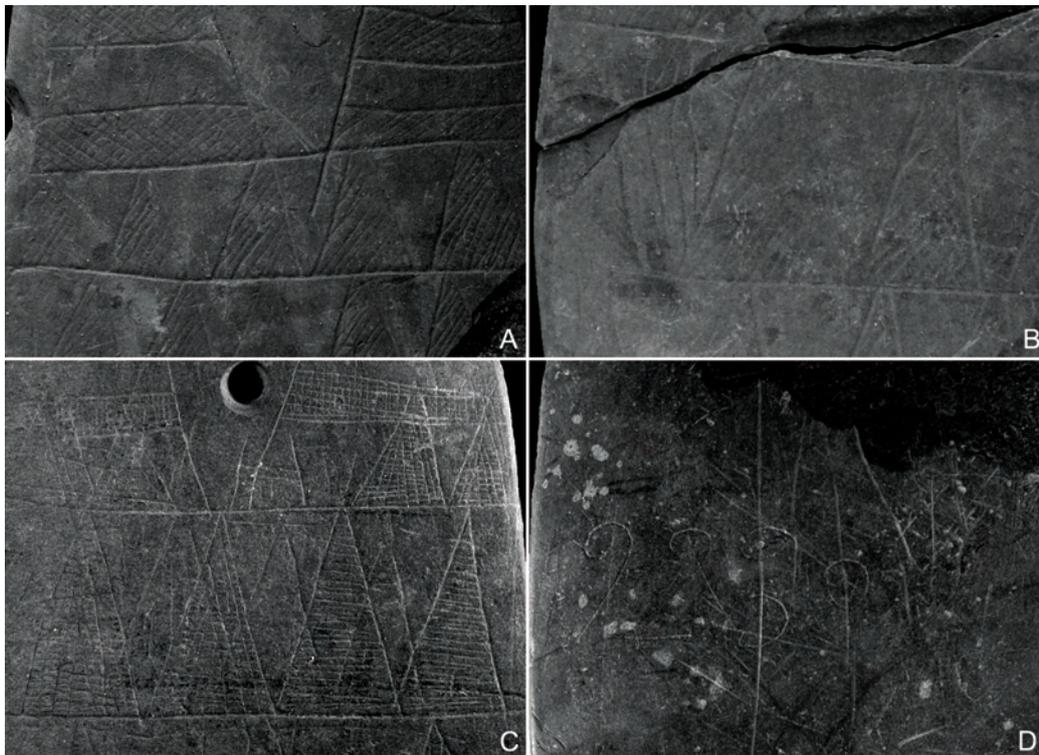
#### MNA 2003.73.13

Apresenta recorte rectangular, com uma altura média de 11,4 cm para uma largura de 8,5 cm na base e 8,3 cm no topo. A Cabeça, com cerca de 2,8 cm, apresenta uma decoração composta por faixas oblíquas-horizontais preenchidas convergindo dos bordos da placa para o V central (a «Cabeça dentro da Cabeça») sobrepostas a triângulos preenchidos com o vértice para cima (2+3). A decoração do Corpo (que apresenta 8,3 cm de altura) compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (duas bandas, seguindo a seguinte composição de triângulos: 4+3), sobrepondo-se a uma gravação prévia, sumariamente apagada, composta igualmente por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima. A espessura

Fig. 22 – As placas de xisto gravadas MNA 2003.73.8 e 2003.73.13.



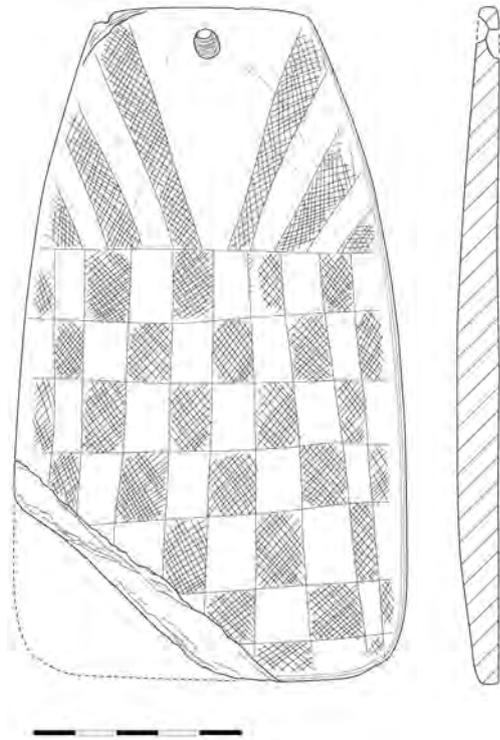
Fig. 23 – Pormenor do separador cabeça/corpo da placa de xisto gravada MNA 2003.73.10, com a «invasão» da «Cabeça dentro da Cabeça» na área do Corpo (A); pormenor da gravação de traços paralelos oblíquos entre o primeiro e o segundo triângulo da quarta banda na placa de xisto gravada MNA 2003.73.10 (B); pormenor da sobreposição das decorações da placa de xisto gravada MNA 2003.73.13 (C); pormenor dos algarismos gravados no verso da placa de xisto MNA 2003.73.12 (D).



média desta placa é de cerca de 0,7 cm, apresentando perfuração bi-troncocónica com 0,8 cm de diâmetro na face e 0,7 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa curta, oferecendo um índice de 0,97.

MNA 2003.73.14

Apresenta recorte subtrapezoidal, com uma altura média de 16,4 cm, para uma largura de 9,5 cm prováveis na base e 5,3 cm no topo, estando fragmentada no canto inferior esquerdo.



A Cabeça apresenta uma altura de 5,9 cm, sendo a sua decoração formada por faixas oblíquas-verticais preenchidas (três em ambos lados, compondo as faixas interiores a «Cabeça dentro da Cabeça») convergindo dos bordos da placa para o separador Cabeça/Corpo. O motivo dominante do Corpo (apresentando este cerca de 10,4 cm de altura) é o campo de xadrez, composto por sete linhas e 10 colunas. A espessura média desta placa é de cerca de 1 cm, apresentando perfuração bi-troncocónica com 0,8 cm de diâmetro na face e 0,6 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média, oferecendo um índice de 1,56.

Trata-se, genericamente, de placas «típicamente» alentejanas, havendo uma prevalência clara de placas mais características de contextos centro-alentejanos (nomeadamente da linha Montemor-Évora-Reguengos), não se registando sobremaneira a «originalidade» decorativa de alguns exemplares alto-alentejanos (em especial, da área do Crato). Especial destaque merece, por motivos diversos, a placa MNA 2003.73.13.

Em primeiro lugar, trata-se da placa mais caracteristicamente alto-alentejana, apresentando a típica cabeça curta decorada com um par de faixas horizontais preenchidas convergindo dos bordos para a «Cabeça dentro da

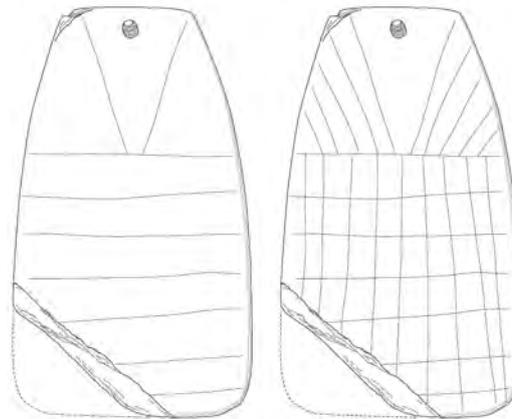


Fig. 24 – Placa de xisto gravada MNA 2003.73.14.

Fig. 25 – Paginação estruturante da decoração da placa de xisto gravada MNA.2003.73.14.

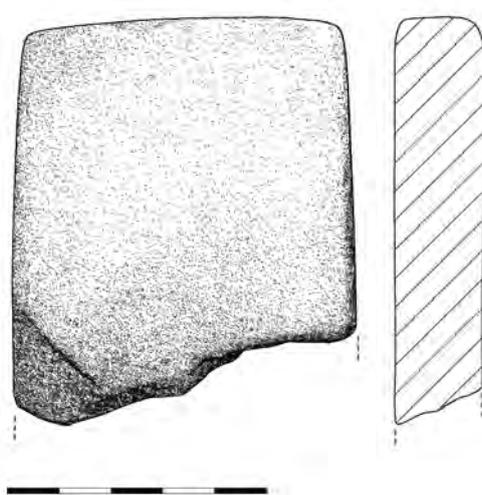


Fig. 26 – As placas de xisto gravadas MNA 2003.73.14 e 2003.73.12 (face e verso).

Cabeça», opondo-se ao «classicismo» dos restantes componentes do conjunto. Em segundo lugar, e atentando à assimetria da decoração da cabeça (nomeadamente a nível da banda de triângulos preenchidos que a remata), aparenta tratar-se de uma placa afectada pela «síndrome das placas loucas» (Gonçalves, 2003b). Em terceiro lugar, trata-se de uma placa que foi objecto de uma primeira gravação, tendo esta sido apagada para receber uma segunda gravação. Neste último caso, ambos motivos decorativos são idênticos (nomeadamente, as bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima), não sendo evidente a intencionalidade do seu reaproveitamento (cf. a este respeito Gonçalves, Pereira & Andrade, 2003).

Refira-se somente que, na gravação original, toda a totalidade da placa se encontrava gravada com bandas de triângulos preenchidos, sendo que na segunda gravação a Cabeça se

Figs. 27 e 28 –  
Placa de grés  
MNA 5678-3.



encontra perfeitamente definida (aproveitando ainda os triângulos da banda superior da gravação original). Poder-se-á levantar igualmente a hipótese de, dado a relação comprimento-largura, esta placa ter sido seccionada no terço superior (o que o seu preenchimento integral com bandas de triângulos permite defender), tendo sido repolida e regravada. No entanto, placas que originalmente são integralmente gravadas com bandas de triângulos preenchidos, assim como apresentando dimensões exíguas, não são inéditas nos conjuntos conhecidos, pelo que esta questão contínua em aberto.

#### 2.4. Placas de grés

Um único elemento se inclui nesta categoria (MNA 5678-3). Trata-se de um fragmento distal de placa de grés lisa, de recorte sub-rectangular, conservando 6,9 cm de largura mesial, 5,9 cm de largura distal e 1,7 cm de espessura média. A sua presença reafirma, mais uma vez, as características alto-alentejanas do conjunto em estudo.

### 3. O espólio da Anta de Alter do Chão e as manifestações megalíticas na área austral do Norte alentejano

De um ponto de vista meramente teórico, o Megalitismo alto-alentejano poderia ser definido de acordo com os contornos estritos do distrito de Portalegre, circunstância baseada na distribuição geográfica dos monumentos e na homo-

geneidade dos rituais funerários (a nível de composição arquitectónica dos monumentos e respectivos mobiliários votivos). No entanto e como já foi referido (Andrade, 2009), uma abordagem linear deste esquema interpretativo deverá ser relativizada, tendo em conta parâmetros territoriais que não são (como bem se sabe) estanques e correntes de influência sócio-cultural que se desdobram, entrecruzam e imiscuem.

Com efeito, numa análise macroscópica do fenómeno megalítico alto-alentejano, parece evidenciar-se um grupo crono-culturalmente coevo, lido em sintonia com o Megalitismo hispano-estremenho (cf. Bueno, 1988) e com incontestáveis relações com grupos mais austrais (nomeadamente, a linha Montemor-Évora-Reguengos).

Neste sentido e tendo em conta parâmetros de distribuição geográfica, o Megalitismo norte-alentejano ou, num sentido mais pragmático, a ocupação do território durante os IV e III milénios a.n.e. parece estruturar-se em relação a dois importantes cursos de água: o Rio Sever e a Ribeira da Seda, sendo enquadrado pelas cadeias montanhosas de São Mamede e Ossa, desenvolvendo-se em áreas genéricas de encosta que se estendem até ao vale da Ribeira Grande (Andrade, 2009). Dentro desta realidade geográfica, os monumentos de Alter do Chão (onde se inclui o monumento desconhecido cujo espólio é aqui estudado) encontram-se já numa área terminal do «território» megalítico alto-alentejano, definida precisamente

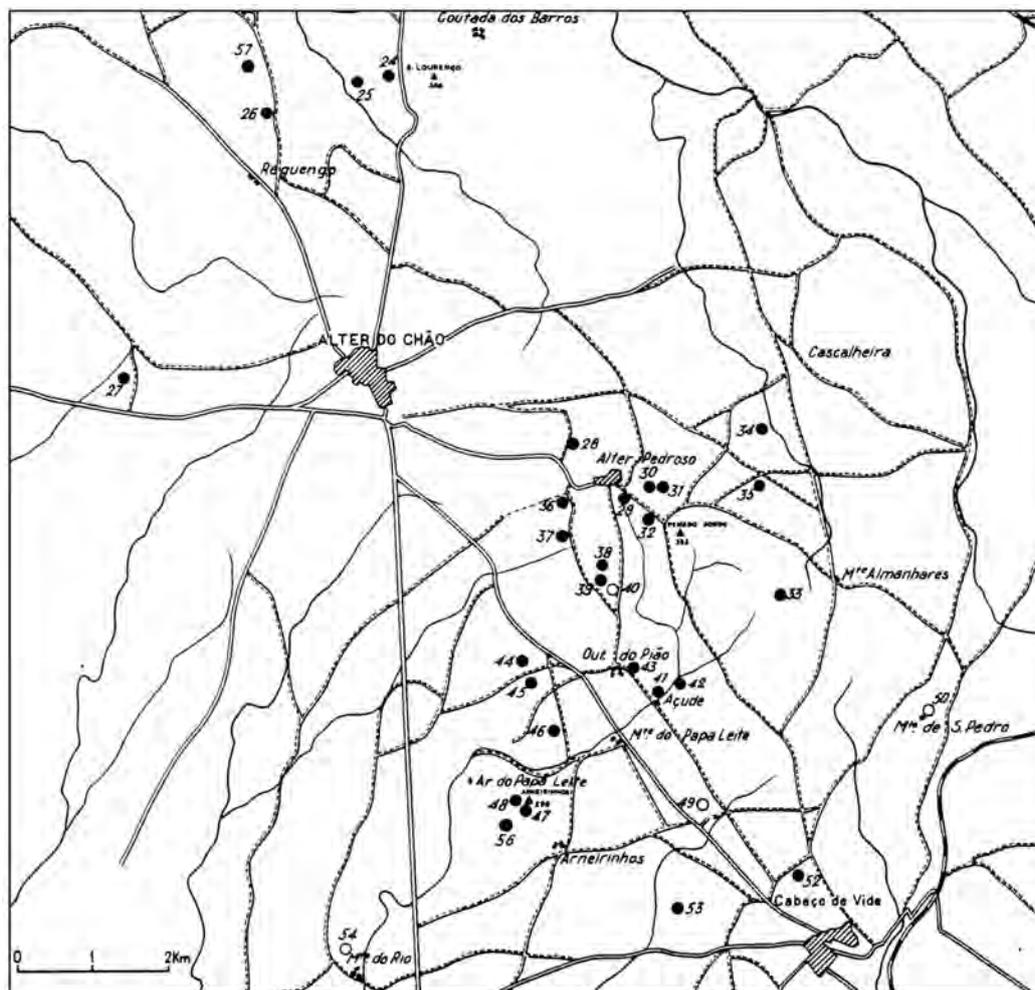


Fig. 29 – O Megalitismo da área de Alter do Chão e Alter Pedroso, segundo Leisner & Leisner (1959, Taf. 88).

pelo vale da Ribeira Grande (segundo o que foi defendido em Andrade, 2009), sendo esparsas as manifestações megalíticas a sul deste curso de água até ao sopé da Serra d'Ossa, para além da qual se desenvolvem os grupos da linha Montemor-Évora-Reguengos (encontrando-se nos grupos de Mora e Elvas evidências de influência comum). O estudo do Megalitismo abelteriense conhece vários episódios, esboçados com objectivos distintos e dependentes dos contextos cronológicos em que se desenvolveram. Conta-se, em primeiro lugar, a passagem de J. L. de Vasconcellos em inícios do século passado, tendo apresentado o espólio recolhido por trabalhadores rurais na anta de Monte Redondo (Vasconcellos, 1927–1929). Anteriormente, já informara n'O Archeólogo Português ter recebido a notícia da existência de monumentos megalíticos no espaço do concelho (Vasconcellos, 1895), assim como F. Alves Pereira o fará aquando do estudo da ponte romana de Vila Formosa (Pereira, 1912).

Posteriormente, é de referir o inventário realizado na década de 40 do mesmo século por G. e V. Leisner e integrado nos seus *Megalithgräber* (Leisner & Leisner, 1959), colmatado por um novo inventário publicado na década seguinte por A. F. Isidoro (1966). Notam-se, contudo, algumas inconformidades entre ambos inventários. Os trabalhos de G. e V. Leisner possibilitaram o registo de 33 monumentos megalíticos na área do concelho (Leisner & Leisner, 1959); no entanto, nota-se que os trabalhos de campo do casal alemão incidiram principalmente na área oriental, não apresentando localizações precisas para os monumentos da área ocidental, referindo apenas informações orais e recolhas bibliográficas. Notam-se ainda algumas indefinições, particularmente a respeito da localização administrativa dos monumentos, por exemplo, a anta referida como Arneirinhos 1 trata-se, pela descrição e planta apresentadas, da anta do Caldeira, localizada no concelho de Fron-

Fig. 30 – O Megalitismo do concelho de Alter do Chão, segundo Isidoro (1966, p. 388, fig. 1).

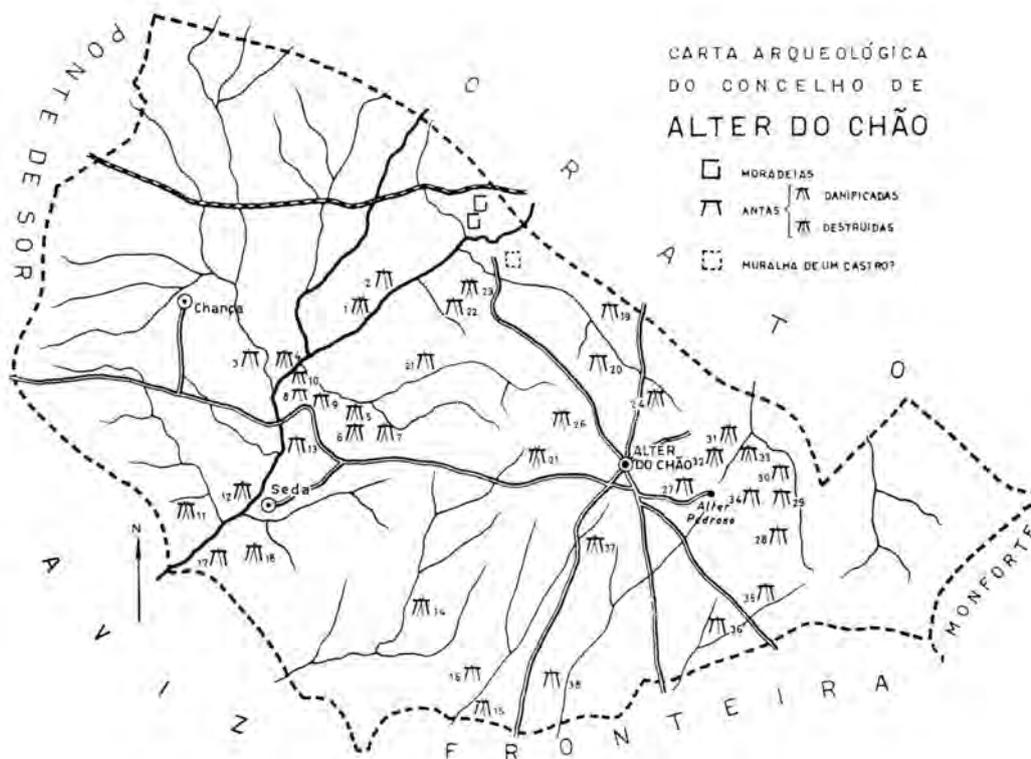
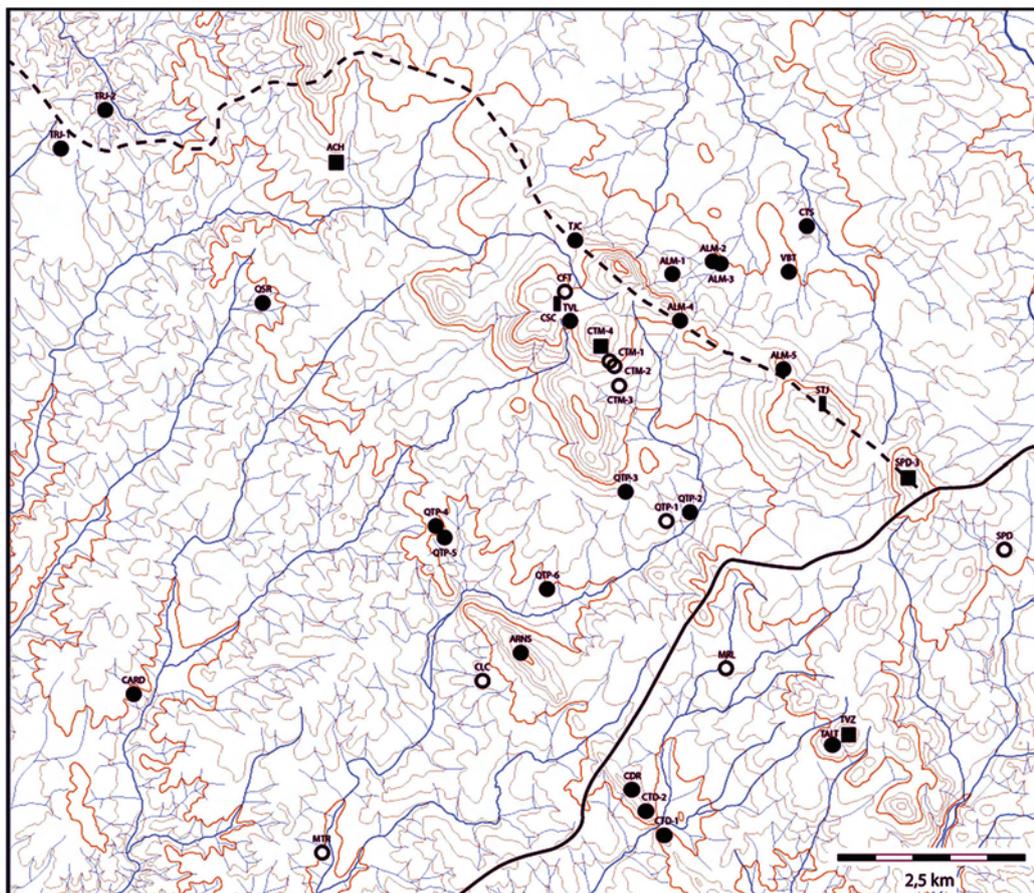


Fig. 31 – O Megalitismo da área de Alter do Chão e Alter Pedroso com indicação dos monumentos megalíticos (círculos), espaços de habitat (quadrados) e achados isolados (rectângulos). Os símbolos vazios correspondem a monumentos e sítios não localizados/destruídos (adaptado de Andrade, 2009, Anexo I, fig. 6).



teira mas posicionada graficamente por G. e V. Leisner no concelho de Alter do Chão.

Os trabalhos de A. F. Isidoro permitiram a inventariação de 38 monumentos (Isidoro, 1966), tendo identificado monumentos não referenciados pelos investigadores alemães, principalmente na área Oeste do concelho, onde identificou vários monumentos não referenciados por G. e V. Leisner (embora possam alguns deles ser os mesmos monumentos referenciados com designações distintas, questão a que futuros trabalhos de campo a desenvolver procurarão responder e que já se confirmou no caso das Antas de São Lourenço 2 e 3, referenciadas por A. F. Isidoro como Courela do Mato de Alter 1 e 2). Não refere, contudo, alguns dos monumentos inventariados pelo casal alemão (como as antas do Couto da Madalena, Tapada da Velosa e Courela da Fonte, tendo apenas inventariado dois dos seis monumentos da Quinta do Pião). Não há notícia de ter procedido a escavações nos monumentos identificados, como fez com os monumentos inventariados por si no Crato. Ainda neste contexto, é identificado o monumento de São Domingos, que A. F. Isidoro inscreve no espaço de Alter do Chão, encontrando-se contudo no espaço do concelho de Fronteira.

Em finais do século XX, o estudo de R. Parreira a respeito dos monumentos megalíticos do Crato incluiu alguns monumentos de Alter do Chão, especialmente aqueles localizados na área norte, componentes de necrópoles que se estendem para o espaço do concelho do Crato, como a já referida necrópole de São Lourenço (Parreira, 1996).

Já no presente século, são de referir os trabalhos de prospecção e escavação dos monumentos incluídos no espaço da Coudelaria de Alter, conduzidos por J. Oliveira (2006). São identificados, com estes trabalhos, nove monumentos aparentemente inéditos (com efeito, um monumento da Soalheira já havia sido referenciado por G. e V. Leisner, sem apresentarem contudo localização precisa, mencionando apenas situar-se a Norte da Coudelaria) e escavados três deles, tendo fornecido importantes informações para a definição do Megalitismo de Alter do Chão (e, de um modo geral, do Alto Alentejo).

Os trabalhos por mim realizados na área da Ribeira Grande, incluindo os monumentos localizados na área sul do concelho, permitiram somente a relocalização e reavaliação dos elementos já inventariados por G. e V. Leisner e A. F. Isidoro, não se tendo identificado monumentos

inéditos, somente espaços de habitat relacionados com aqueles (Andrade, 2009). Foram possíveis, no entanto, várias observações pertinentes a respeito do Megalitismo desta área: por um lado, a ocorrência de monumentos agrupados (configurando áreas de necrópole) a par de monumentos isolados na paisagem; por outro, a associação entre monumentos «proto-megalíticos» e monumentos megalíticos «típicos» no espaço da mesma necrópole.

Apesar de tudo, o Megalitismo de Alter do Chão continua deficientemente conhecido, servindo apenas os monumentos da Coudelaria como ponto de comparação para os restantes monumentos, sendo necessário um maior número de escavações (tanto em monumentos megalíticos como em espaços de habitat) para uma compreensão mais completa do fenómeno megalítico na área austral do Norte alentejano.

Numa visão pluralista, o Megalitismo de Alter do Chão define-se em concordância com os grupos de Crato-Nisa. Tendo em conta os dados até ao momento recolhidos, e recorrendo a critérios de avaliação generalistas, a relativa homogeneidade dos conjuntos megalíticos alto-alentejanos permite supor a possível existência de um grupo cultural homogéneo.

Os «Megalitismos» do Crato e da bacia do Sever não divergem, assim e em grande medida, daquele registado na área de Alter do Chão (e, de um modo geral, na área da Ribeira Grande). Sendo mais evidentes as concordâncias que as divergências, será fácil supor que se enquadram no mesmo grupo crono-cultural. Denota-se, assim, uma relativa continuidade geográfica no Megalitismo alto-alentejano, registando-se algumas soluções coincidentes em termos arquitectónicos e uma certa homogeneidade cultural dos mobiliários votivos.

Contudo, se as semelhanças são evidentes, as divergências também não deixam de o ser. O polimorfismo (arquitectónico e ritual) dos monumentos da bacia do Sever é explicado, de acordo com as escavações realizadas, não por factores cronológicos, mas por factores sócio-económicos, explicação baseada na aparente contemporaneidade das datações <sup>14</sup>C obtidas. São definidos assim dois «territórios» (Oliveira, 1998), evidenciados pelas diferenças no número e características específicas dos artefactos componentes dos mobiliários votivos, «(independentemente de distintos e possíveis posicionamentos crono-culturais)» (Oliveira,

2000, p. 433). É defendido, desta maneira, a existência de «ambientes completamente distintos, resultantes, seguramente, não de significativos afastamentos cronológicos, mas de contextos económicos e sociais diferentes» (Oliveira, 2000, p. 434), circunscritos pelos contextos paisagísticos em que se incluem, nomeadamente, a nível de solos e geologia (Oliveira, 1998).

Para o Crato, a situação afigura-se um pouco diversa. Regista-se uma maior homogeneidade em relação aos monumentos do Sever, registando-se principalmente divergências micro-espaciais dentro da estrutura de uma mesma necrópole, explicadas de acordo com fenómenos culturais agindo de modo diversificado nos vários monumentos (Parreira, 1996). Denotam-se, contudo, certas deficiências no conhecimento do Megalitismo do Crato, resultantes principalmente da escavação precoce dos monumentos. Com efeito, os trabalhos de R. Parreira, úteis a nível da definição do impacto do fenómeno megalítico na paisagem, deveriam ser complementados com um estudo rigoroso do espólio recolhido por A. F. Isidoro (1965–1966, 1967–1968, 1970, 1971, 1973). Ressalva-se, contudo, os dados obtidos com a escavação da anta dos Penedos de São Miguel, grande monumento de Corredor longo (à semelhança da vizinha anta do Tapadão) construído e utilizado na transição do IV para o III milénio a.n.e., com variadas características arquitectónicas e rituais indispensáveis a uma melhor compreensão do fenómeno megalítico alto-alentejano (Gonçalves, Treinen-Claustre & Arruda, 1981).

Neste contexto, os monumentos megalíticos da área de Alter do Chão incluem-se culturalmente no grupo megalítico alto-alentejano (mas com algumas características centro-alentejanas, lidas principalmente nas placas de xisto gravadas), não se registando, contudo, diferenças «territoriais» tão vincadas como aquelas notadas por J. Oliveira (1998) a respeito do Megalitismo da bacia do Sever, havendo uma relativa sobreposição espacial das diversas manifestações arquitectónicas (por vezes, até dentro da mesma necrópole). Regista-se, assim: diversidade geral, assente nas diferenças entre os diversos matizes geológicos e orográficos; diversidade particular, assente nas diferenças entre monumentos da mesma necrópole.

Como referido, os monumentos de Alter do Chão dispõem-se formando necrópoles bem localizadas ou surgindo isolados na paisagem. Especial des-

taque merece a necrópole megalítica de Alter Pedroso, quer pela sua extensão, quer pela heterogeneidade morfológica dos seus componentes. A área de Alter Pedroso caracteriza-se por uma extensa mancha de basitos com manchas internas de ultrabasitos, em contacto com ortognaises graníticos na transição dos xistos câmbricos para os xistos pré-câmbricos. Dentro deste contexto, a necrópole megalítica homónima compõe-se por 16 monumentos dispostos em torno ao conjunto de elevações que se desenvolve entre a Serra dos Tojos e Alter Pedroso, sobre a várzea de Vale de Butinos e a área aberta da Quinta do Pião. Foram definidos como componentes desta necrópole os monumentos de Tapada do José Cary (Tapadões), Courela da Fonte, Tapada da Velosa, Almanhares 1 a 5, Vale de Butinos, Couto da Silveira, Couto da Madalena 1 a 3 e Quinta do Pião 1 a 3, apresentando uma interessante variedade a nível morfológico e topográfico.

Reconhecem-se monumentos de Câmara e Corredor diferenciados, monumentos fechados sem Corredor e monumentos «proto-megalíticos» (Almanhares 3 associado a Almanhares 2 e Couto da Madalena 1 associado a Couto da Madalena 2). Apresentam vários tipos de vinculação à paisagem, encontrando-se implantados em área plana no sopé de relevos imponentes, em plataforma a meia-encosta, em encosta suave, em plataforma encaixada entre duas elevações e em área aberta. O suporte geológico divide-se entre granito porfiróide, gabrodiorito e gnaisse. O contexto geológico em que se encontra é igualmente diverso, localizando-se monumentos em contexto de ortognaisse granítico, de basitos e de xistos câmbricos.

Esta necrópole parece encontrar-se implantada em função de um importante marco geográfico. Com efeito, a óbvia imponência do perfil escarpado do conjunto de elevações em torno das quais se estrutura esta necrópole, terá configurado em tempos pré-históricos um notável marco na paisagem, podendo ter sido usado como ponto de referência/localização. Da mesma maneira, será de referir o domínio visual extremo que se obtém do seu topo, permitindo observar praticamente toda a vasta peneplanície alto-alentejana, desde São Mamede à Serra d'Ossa, sendo possível avistar, igualmente e com condições favoráveis, a área do vale do Tejo e a baixa planície albacastrense.

Na área imediata do vale da Ribeira de Seda

(e estruturando-se em relação a este curso de água), a situação parece sensivelmente diversa. Com efeito, registam-se já nesta área necrópoles moderadamente desenvolvidas (compostas por dois monumentos, como Pedro Tourez) que poderão corresponder a algo semelhante ao que foi avançado para o caso dos monumentos do Poço da Gateira, fazendo-o corresponder à área de necrópole de uma pequena quinta neolítica (Gonçalves, 1992, 1999), podendo assinalar uma área pouco extensa de exploração de recursos. A par destas ocorrências, surgem monumentos aparentemente isolados na paisagem (Comenda, Cardosa, Monte Barão). Esta divergência poderá ser resultado de condicionantes geográficas, funcionando as características físicas do terreno como factor estruturante da ocupação humana do espaço. Com efeito, a área oriental caracteriza-se por paisagens levemente onduladas, mas onde se encontram elevações imponentes e numerosos relevos residuais. Por seu lado, a área ocidental é caracterizada por um relevo muito acidentado, com os vales dos principais cursos de água muito escavados e superfícies muito dissecadas, alternando com zonas planálticas que correspondem geologicamente aos depósitos terciários do Tejo.

As mais importantes ocorrências (funerárias e habitacionais) registam-se assim na metade oriental do concelho, inseridas numa paisagem levemente ondulada, característica da península alto-alentejana. Situam-se em áreas bastante irrigadas, bem drenadas, dentro ou nas envolturas das manchas de granitos e basitos ou nas zonas de contacto entre estas e os xistos câmbricos, reunindo as condições geológicas preferenciais para a construção de grandes monumentos, com circunstâncias de assentamento razoáveis, em área drenada por uma rede hidrográfica relevante e pontuada por manchas de solos leves ideais para a pequena agricultura de enxada, assumindo-se como área preferencial de exploração de recursos.

Obviamente, dadas as lacunas contextuais do espólio analisado, é impossível inferir em qual dos «ambientes» se encontraria o monumento. No entanto, se monumentos com espólio coevo se encontram na área oriental (como os da Coudelaria de Alter), não deixam igualmente de se encontrar na área ocidental (Monte Redondo). Diríamos, assim, que comunidades crono-culturalmente coevas (ou a mesma comunidade em

módulos funcionais distintos) explorariam estes dois «microterritórios».

Deste modo, para a construção do diagrama crono-cultural do Megalitismo de Alter do Chão, há que ter em conta especificamente os dados recolhidos com a escavação dos monumentos incluídos no espaço da Coudelaria. No conjunto dos monumentos escavados, destaca-se o caso da anta da Horta, de onde importantes dados foram retirados, seja a nível da cultura material, seja a nível da definição cronométrica da utilização do monumento.

Foi possível, dentro do espaço da Coudelaria onde estes monumentos se encontram incluídos, definir três micro-áreas de ocupação preferencial (Oliveira, 2006, pp. 213–215): área do Reguengo, entendida como a área principal de ocupação, onde se reúnem as condições ideais para a economia neolítica e onde se encontram as principais evidências megalíticas; área de Vale de Carreiras, subordinada ao vale da Ribeira do Freixo, em cuja encosta se encontram implantados quatro monumentos megalíticos (estando as áreas de habitat implantadas sobre a cumeada entre afloramentos graníticos); área da Espera d'El Rei, onde se encontra a anta da Várzea Grande e onde se incluem igualmente os monumentos de Torrejana.

Os elementos antracológicos recolhidos nas antas da Horta e Soalheira permitiram definir o coberto vegetal desta área durante o Neolítico Final e Calcolítico, inserindo tanto monumentos como espaços de habitat na paisagem de que são parte constituinte. A análise destes elementos, com o registo do aumento de *olea europea* e *quercus ilex-coccifera*, permitiu caracterizar a fase de transição Atlântico/Sub-Boreal pela presença de bosques esclerófilos-perenifólios na variante termófila, com a ascendência das *leguminosae* e a proliferação e aumento de elementos de mato como estevas, medronheiros, troviscos, rosáceas e restante vegetação ruderal (Duque, 2005, p. 28), assistindo-se a uma redução da massa arbórea, com a diminuição dos bosques mistos de *quercus* e a extensão dos espaços abertos ou de mato arbustivo. Trata-se, com efeito, de um período de inflexão ambiental que coincide, genericamente, com o processo de consolidação das comunidades camponesas, estando estes monumentos incluídos nessa paisagem genérica (Duque, 2005, p. 30).

Os monumentos da Soalheira e Várzea Grande, bastante perturbados, forneceram escassos

elementos de diagnóstico. O primeiro, com os principais dados recolhidos no Corredor, forneceu machados, placa de xisto com «falsos olhos», cerâmica, pontas de seta, lâminas e geométricos. No segundo foi possível recuperar machados e geométricos, a par de cerâmica tipologicamente atribuível à Idade do Bronze. Conta-se, contudo, com as informações arquitectónicas fornecidas por estes monumentos, principalmente pela anta da Soalheira. Trata-se assim de um monumento de corredor longo, construído possivelmente em duas fases, visto que o tramo final do Corredor é constituído por esteios de menor dimensão que os do tramo inicial, sofrendo igualmente uma leve inflexão a sul. A Anta da Várzea Grande aparenta tratar-se de um pequeno monumento de Corredor curto, o que, aliado ao espólio aparentemente arcaico, poderá colocar o monumento numa fase antiga do Megalitismo alto-alentejano.

Mas, como referido, é no monumento da Horta que se encontram dados de maior valia. Monumento de câmara poligonal e corredor curto (características arquitectónicas típicas dos monumentos funerários alto-alentejanos, segundo Andrade, 2009) foi possível definir aqui três conjuntos de deposições funerárias relativamente bem isoladas, independentemente dos critérios cronológicos que as delimitam, acompanhadas por abundante espólio (destacando-se as singulares placas de grés de contorno hiperbolóide, as placas de grés esculpidas com figurações antropomórficas e uma ou outra placa de xisto notável).

A primeira refere-se a um conjunto de deposições funerárias realizadas no espaço da câmara, tendo sido identificados um número mínimo de quatro enterramentos conservando ainda alguma conexão anatómica, aos quais se encontravam associadas placas de xisto gravadas (uma das quais de recorte antropomórfico). Para uma destas deposições foi realizada uma datação directa sobre ossos humanos, obtendo-se um intervalo de tempo centrado entre 3325–2900 cal BC  $2\sigma$  (Beta-194313, seg. Oliveira, 2006, p. 109; datação recalibrada em 2013 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c). No entanto, estas deposições não se referem, segundo o escavador do monumento, à primeira utilização do mesmo.

O segundo conjunto refere-se à deposição de espólio junto aos esteios do corredor, no seu interior, e será, em princípio, contemporânea das uti-

lizações datadas do último quartel do IV milénio a.n.e. registadas na câmara do monumento.

O terceiro conjunto refere-se à deposição de espólio (incluindo pedra polida, placas de xisto gravadas, placas de grés lisas e esculpidas, cerâmica — entre as quais vasos carenados de tipo *Crato/Nisa* —, pontas de seta, lâminas, alfinete de cabeça canelada) aparentemente disposto em torno a um crânio humano. Para esta deposição, foi obtida uma datação directa sobre ossos humanos centrada entre 2898–2627 cal BC  $2\sigma$  (Beta-194312, seg. Oliveira, 2006, p. 109; datação recalibrada em 2013 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c).

É referido, a este respeito, que: «Provavelmente, nesse momento, é removido um crânio e um calcâneo do interior do monumento, em torno do qual são colocadas as oferendas atrás referidas. Do calcâneo submetido a datação, obteve-se a data de 2800 a 2760 cal BC (dois sigmas) (Beta-194312) [datação recalibrada em 2013 com recurso ao programa Calib 7.0.1, utilizando a curva IntCal13.14c, fornecendo o seguinte resultado  $2\sigma$  com 95,4% de probabilidade: 2898–2627 Cal BC], o que nos parece ser uma data demasiado recuada, relativamente aos materiais que se lhe encontravam associados. Levantamos, portanto, a hipótese de, nos inícios do Calcolítico, durante algum ritual de culto aos antepassados, um crânio e um calcâneo para o sustentar terão sido removidos, provavelmente do interior da câmara e ao ser redor foram depositadas diversas oferendas» (Oliveira, 2006, p. 109).

No entanto, várias questões merecem comentário: em primeiro lugar, a datação seria obviamente referente à deposição original de onde foram recuperados os elementos osteológicos (logo, à morte do indivíduo), e não ao ritual mais tardio de reutilização dos restos, como sugerido; em segundo lugar, tendo em conta as características do espólio aparentemente associado, tratar-se-ia de uma datação demasiado recente (e não recuada) dentro do contexto do Megalitismo alto-alentejano. Esta datação funcionária, assim e na melhor das hipóteses, como um *terminus ante quem* deste ritual específico.

Seja como for, e referindo-se a um contexto aparentemente idêntico e geograficamente relacionável com espólio coevo, a extrapolação das datações conseguidas para o monumento da Horta poderá ser admitida para o conjunto estudado.

Sítio	Tipo	Ref. Lab.	Contexto	Amostra	Anos BP	Cal. BC 2σ
Cabeceira 4	Sepultura	Beta-196094		Osso humano	4780±40	3647-3383
Cabeceira 4	Sepultura	Wk-17084		Osso humano	4759±41	3640-3379
Rabuje 5	Sepultura	Beta-191133	Sob esteio tombado	Carvão	4650±50	3630-3344
Cabeço da Areia	Sepultura	Beta-196091		Osso humano	4650±40	3621-3356
Santa Margarida 2	Anta	Beta-153911	Sob estrutura de fecho Cr-Cm	Carvão	4410±60	3334-2906
Horta	Anta	Beta-194313	Cm	Osso humano	4390±50	3325-2900
Bola de Cera	Anta	ICEN-66	Base Cm	Ossos	4360±50	3264-2887
Santa Margarida 3	Anta	Beta-176897	Cm-8	Osso humano	4290±40	3021-2780
Olival da Pega 2b	Tholos	ICEN-955	Fase 1, nv. 6/7	Osso humano	4290±100	3328-2584
Santa Margarida 3	Anta	Beta-166416	Cm-1	Osso humano	4270±40	3011-2705
Santa Margarida 3	Anta	Beta-166422	Cm-7	Osso humano	4270±40	3011-2705
Courelheiros 4	Anta	ICEN-976	Base Cr	Carvão	4240±150	3338-2471
Horta	Anta	Beta-194312	Cr	Osso humano	4190±50	2898-2627
Olival da Pega 2b	Tholos	ICEN-956	Fase 1, nv. 7/7	Osso humano	4180±80	2918-2497
Olival da Pega 2b	Tholos	ICEN957	Fase 1, nv. 5/7	Osso humano	4130±60	2883-2501

Analisando as datações obtidas para contextos megalíticos alentejanos, e confrontando-as com o espólio recuperado, é possível distinguir dois momentos genéricos na evolução dos rituais funerários das antigas comunidades camponesas alentejanas, independentemente das características arquitectónicas dos monumentos. Assim, um primeiro momento, com parâmetros cronológicos dispostos na segunda metade do IV milénio a.n.e., caracteriza-se por um mobiliário votivo onde dominam os artefactos de pedra polida (com clara predominância dos machados de secção circular e corpo picotado) e os geométricos, escasseando a cerâmica (encontrando-se um momento de transição possivelmente em Poço da Gateira). Um segundo momento, correspondendo à transição do IV para o III milénio a.n.e., é composto pela associação entre placas de xisto gravadas (e placas de grés, dentro do contexto regional em que o presente estudo se insere), pontas de seta de retoque bifacial, lâminas de retoque abrupto e abundante cerâmica (de onde se destacam s vasos carenados de tipo *Crato/Nisa* na área do Alentejo setentrional).

Temos, assim, parâmetros cronológicos que enquadram o Megalitismo alentejano entre meados do IV milénio e meados do III milénio a.n.e. E estes cerca de mil anos incluem monumentos tão diversos como sepulturas «proto-megalíticas», antas de Corredor incipiente, antas de Corredor médio a longo e *tholoi*. Desta maneira, verifica-se a aparente coexistência temporal entre sepulturas «proto-megalíticas» (como Cabeço da Areia) e monumentos de Corredor incipiente (como Santa Margari-

da 2 e Rabuje 5) por um lado, e monumentos de Corredor médio/longo (como Santa Margarida 3 e Horta) e *tholoi* (como Olival da Pega 2b) por outro. Com monumentos tipologicamente semelhantes (exceptuando-se os *tholoi*), o Megalitismo de Alter do Chão enquadra-se perfeitamente neste contexto, registando analogias arquitectónicas e artefactuais com os monumentos de Rabuje 5 e Horta.

E aqui se levanta mais uma vez a questão em relação à cronologia dos monumentos «proto-megalíticos» e os próprios inícios do fenómeno megalítico, parecendo-me ser essa, actualmente, a principal questão a resolver no Megalitismo alentejano.

No caso de Alter do Chão, regista-se a relação espacial entre monumentos «proto-megalíticos» e monumentos de maiores dimensões. Tal facto regista-se na relação entre Couto da Madalena 2 e Couto da Madalena 3, entre Almanhares 2 e Almanhares 3 e entre São Lourenço 3 e São Lourenço 1. No entanto, apenas escavações criteriosas e datações absolutas contextualizadas poderão responder à questão nevrálgica: o que antecede o quê? Se monumentos incluídos nesta categoria apresentam espólio aparentemente arcaico, outros aproximam-se em termos de mobiliários votivos das antas de Corredor. No entanto, a larga maioria dos monumentos «proto-megalíticos» de que se conhece espólio afigura-se cronologicamente anterior ao apogeu do Megalitismo alentejano (usando-se os exemplos das áreas de Sines, Montargil, Elvas, Pavia e Coruche-Montemor).

Assim, desconhecendo-se as características arquitectónicas do monumento em que foi recolhido

Quadro 5 – Datações <sup>14</sup>C para monumentos megalíticos alentejanos. Bibliografia: Boaventura, 2006 (Rabuje 5); Gonçalves, 2001 (Santa Margarida 2); Gonçalves, 2003a (Santa Margarida 3, Olival da Pega 2b); Oliveira, 1998 (Bola de Cera, Courelheiros 4); Oliveira, 2006 (Horta); Rocha, 2005 (Cabeceira 4 e Cabeça da Areira).

Datações recalibradas em 2013 com recurso ao programa Calib 7.0.1 (© M. Stuiver & P. J. Reimer, 2013), utilizando a curva IntCal13.1.4c (Reimer & alii, 2013, *Radiocarbon* 55:4). Intervalo 2σ com 95,4% de probabilidade.

o espólio aqui estudado, resta-nos apenas este para esclarecer os possíveis episódios de ocupação e a definição de paralelismos efectivos com conjuntos conhecidos.

#### 4. Concluindo...

O que há a reter é que o espólio aqui apresentado se trata de um conjunto uniforme, cronoculturalmente coevo e distinguível, e facilmente integrável no grupo megalítico em que se inclui, mas que, no entanto, oferece algumas características particulares, tendo em conta o que acima se disse. Refira-se somente que se reconhece nesta área uma longa diacronia de ocupação do espaço, com áreas de habitat relativas a um extenso intervalo cronológico, encontrando-se o Neolítico Antigo representado pelos povoados do Reguengo e Porta do Tempo (Oliveira, 2006), o Neolítico Final pelo povoado de Couto da Madalena 4 (Andrade, 2009) e o Calcolítico pelas evidências identificadas na área urbana de Alter do Chão (conjunto em estudo pelo signatário em colaboração com Rui Boaventura).

Dentro deste intervalo cronológico (e excluindo-se, por razões óbvias, as evidências relativas ao Neolítico Antigo), encontram-se nesta área manifestações megalíticas coevas, com modelos específicos de implantação na paisagem e de configuração arquitectónico-ritual própria, remetendo o ápice do fenómeno megalítico para patamares culturais que tanto podem ser incluídos no Neolítico Final como no Calcolítico Inicial. Todavia, mais uma vez se afirma: desconhecendo-se o contexto específico de recolha do espólio estudado, difícil se torna a sua definição. Contudo, em relação ao espólio propriamente dito (e tendo em conta certos elementos particulares), várias leituras são possíveis. As placas de xisto gravadas referem-se, genericamente, a exemplares «usuais», com motivos decorativos compostos por bandas de triângulos preenchidos e campos de xadrez, sendo de realçar a ausência de placas cujo motivo decorativo seja constituído por faixas ziguezagueantes. Merece especial destaque, dentro do conjunto, a placa MNA 2003.73.13, tratando-se, como referido, da placa cujos motivos são mais «típicamente» alto-alentejanos, nomeadamente no que respeita ao espaço da Cabeça (sendo manifestamente curto) e a composição da sua decoração. No entanto, a sua específica particularidade

prende-se com o facto de ser uma placa objecto de reaproveitamento, não no âmbito do seu contorno, mas da sua decoração. Se é relativamente comum o reaproveitamento por reconfiguração do contorno do suporte (devido à sua fractura não intencional), o reaproveitamento por obliteração da decoração original e regravação é peculiarmente invulgar, sendo de referir, apenas e neste contexto, dois exemplares provenientes da Anta Grande do Zambujeiro (placas AGZ-1 e MEV-3676).

A placa AGZ-1, recolhida durante a intervenção do MAEDS na década de 80 do século passado, regista a eliminação de uma primeira decoração constituída por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, tendo sido objecto de gravação posterior de motivo idêntico. A fractura que apresenta na área proximal resultou em novo reaproveitamento, já subsequente à segunda gravação, visto que a corta (Soares & Silva, 2010, p. 110).

Já na placa MEV-3676, sobre uma decoração desgastada (sem certezas de ter sido intencionalmente apagada), foi gravada uma decoração sumariamente caótica, constituída por uma banda de pequenos triângulos vazios (Separador Cabeça-Corpo) e linhas ziguezagueantes verticais compartimentadas (Gonçalves, Pereira & Andrade, 2003).

No primeiro caso, tal como na placa MNA 2003.73.13, não é clara a intencionalidade do seu reaproveitamento, visto que ambos motivos decorativos são idênticos. A placa MEV-3676 levanta já outro tipo de questões, podendo referir-se uma quebra evidente com o conceito estruturante da decoração das placas de xisto gravadas (problemática já abordada em Gonçalves, 2003b), mas que contudo ainda procura obedecer a uma paginação legítima.

Outro ponto a referir no conjunto estudado é a presença dos pequenos vasos carenados, designadas como de *tipo Crato/Nisa*. Não se trata de uma presença estranha, visto que taças carenadas (de pequena, média ou grande dimensão) são usuais em contextos de transição do IV para o III milénio. O que há a reter é, efectivamente, a presença relevante destes pequenos vasos carenados em conjuntos funerários alto-alentejanos, sendo defensável a sua excepcionalidade neste âmbito geográfico.

Apesar da sua incidência específica na área geográfica do Alto Alentejo, encontram evidências mais ténues em contextos centro-alente-

janos (Comenda da Igreja, *tholos* do Escoural, Caeira 7, Anta Grande do Zambujeiro, Vale de Rodrigo 1, Olival da Pega 1) e mesma da Estremadura (Lapa da Bugalheira, Buraca da Moura da Rexaldia, Folha das Barradas), da área de charneira de Coruche (Monte da Barca) e da área de Huelva (El Pozuelo), tendo, contudo, um peso minoritário dentro dos conjuntos.

Contactos entre as comunidades alto-alentejanas e estremenhas (sejam quais forem os moldes em que terão ocorrido) foram já defendidos com base nas semelhanças morfológicas entre certos artefactos votivos incluídos nos rituais funerários de ambas as áreas (Andrade, 2009). Contam-se, neste sentido, as características «tipicamente» alto-alentejanas das placas de xisto gravadas da Lapa da Galinha e gruta da Marmota (Alcanena), assim como a presença de vasos de *tipo Crato/Nisa* na Lapa da Bugalheira e Buraca da Moura da Rexaldia (Torres Novas). Tais factos poderão materializar caminhos de contacto esboçados ao longo do Tejo e cursos de água paralelos (Sorraia, por exemplo), manifestados possivelmente pelos enterramentos culturalmente megalíticos de Monte da Barca (Coruche), Vale de Cavalos (Chamusca) e Martim Afonso (Salvaterra de Magos), assim como pelos povoados de Cabeço do Pé da Erra (Coruche), Cabeço da Bruxa (Alpiarça) e Sobral do Martim Afonso (Salvaterra de Magos).

Seja como for, o conjunto aqui estudado enquadra-se facilmente no registo arqueográfico do universo megalítico regional em que se encontra inserido, tanto a nível cultural como geográfico. Trata-se assim de um contexto efectivamente perdido, mas com componentes passíveis de fornecer informações válidas, mesmo que apenas no âmbito de comparações estatísticas com outros contextos bem definidos.

A *Anta de Alter do Chão* inclui-se assim numa área de relativa diversidade, mas com características facilmente grupáveis, localizado no limite sul do grupo megalítico de Crato-Nisa, onde se conhecem vários tipos de monumentos e áreas de habitat do Neolítico Final e Calcolítico associados. Seria um monumento possivelmente enquadrado por uma paisagem aberta, com bosques reduzidos (de acordo com os dados paleo-ambientais fornecidos pelo estudo antracológico dos monumentos da Coudelaria de Alter), com episódios de utilização centrados na transição do IV para o III milénio a.n.e. (segundo as datações obtidas para a anta da Horta, com espólio coevo), representativo de um contexto de que lamentavelmente se perdeu o rasto...

Torres Novas, Maio de 2010  
Revisto em Dezembro de 2012

## Bibliografia citada

ANDRADE, Marco António (2009) - *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de «megalitização» da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols., policopiado.

ANDRADE, Marco António (2011) - *Fronteira megalítica: algumas considerações gerais (enquanto as particulares não estão ainda disponíveis) a respeito das «necrópoles megalíticas» da área do Concelho de Fronteira*. In CARNEIRO, André; OLIVEIRA, Jorge; ROCHA, Leonor; MORGADO, Paula, eds. - *Arqueologia do Norte Alentejano. Comunicações das 3.<sup>as</sup> Jornadas*. Lisboa: Colibri, pp. 63–82.

ANDRADE, Marco António; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro (2010) - *Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas): contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas no Maciço Calcário Estremenho*. *Nova Augusta*. Torres Novas. 2.<sup>a</sup> série. 22, pp. 239–259.

BOAVENTURA, Rui (2001) - *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

BOAVENTURA, Rui (2006) - *Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 21*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 61–74.

- BUENO RAMÍREZ, Primitiva (1988) - *Los dólmenes de Valencia de Alcántara*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- CALADO, Manuel (2001) - *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DUQUE ESPINO, David M. (2005) - Resultados antracológicos de los yacimientos de la Coudelaria de Alter do Chão y su integración en las secuencias paleoecológicas y paleoambientales de la Prehistoria Reciente del Suroeste peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 21–41.
- GONÇALVES, Victor S. (1989b) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 1: Deusa(s) Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 7, pp. 289–302.
- GONÇALVES, Victor S. (1992) - *Reveno as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarq/INIC.
- GONÇALVES, Victor S. (1999) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, Victor S. (2001) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 115–206.
- GONÇALVES, Victor S. (2003a) - *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2003b) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4: A «síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 131–157.
- GONÇALVES, Victor S. (2004) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5: o explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 165–183.
- GONÇALVES, Victor S. (2011) - *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: Uniarq.
- GONÇALVES, Victor S.; ANDRADE, Marco António; PEREIRA, André (no prelo) - *As placas de xisto gravadas (e o báculo) da Lapa da Galinha (Alcanena, Portugal)*.
- GONÇALVES, Victor S.; PEREIRA, André; ANDRADE, Marco António (2003) - A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 21, pp. 209–244.
- GONÇALVES, Victor S.; PEREIRA, André; ANDRADE, Marco António (2005) - As notáveis placas votivas da Anta dos Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 43–109.
- GONÇALVES, Victor S.; TREINEN-CLAUSTRE, Françoise; ARRUDA, Ana Margarida (1981) - Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), campanha 1-(81). *Clio*. Lisboa. 3, pp. 153–164.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1965–1966) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20:1–2, pp. 29–57.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1966) - Contribuição para o estudo da Arqueologia do concelho de Alter do Chão (Alto Alentejo). *Lucerna*. Porto. 5, pp. 384–414.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1967–1968) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – II. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 20: 3–4, pp. 285–297.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1970) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – III. *Anais da Faculdade de Ciências*. Porto. 54:1–2, pp. 145–160.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1971) - Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – IV. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:1, pp. 41–56.
- ISIDORO, Agostinho Farinha (1973) – Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) – V. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 22:2, pp. 107–123.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura (reeditado por Uniarq/INIC, 1985).
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

OLIVEIRA, Clara D.; OLIVEIRA, Jorge (2000) - Continuidade e rupturas do Megalitismo no distrito de Portalegre. In JORGE, Vítor de Oliveira, ed. - *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. 3, *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, pp. 459–471.

OLIVEIRA, Jorge (1998) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Colibri.

OLIVEIRA, Jorge (2000) - Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever. In JORGE, Vítor de Oliveira, ed. - *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 3: *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, pp. 429–444.

OLIVEIRA, Jorge (2006) - *Património arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Colibri; Évora: Universidade.

PARREIRA, Rui (1996) - *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo): contribuição para o registo das antas portuguesas*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiado.

PEREIRA, Félix Alves (1912) - A ponte romana de Vila Formosa (Alter do Chão). *O Archeologo Português*. Lisboa. 17, pp. 209–222.

ROCHA, Leonor (2005) - *Estudo do Megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.

SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2010) - Anta Grande do Zambujeiro – arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985–1987. *Musa*. Setúbal. 3, pp. 83–129.

VASCONCELLOS, José Leite (1895) - Notícias várias: antas de Alter. *O Archeologo Português*. Lisboa. 1, p. 103.

VASCONCELLOS, José Leite de (1927–1929) - Antiquidades do Alentejo, III: espólio d'uma anta de Monte Redondo. *O Archeologo Português*. Lisboa. 28, pp. 169–170.